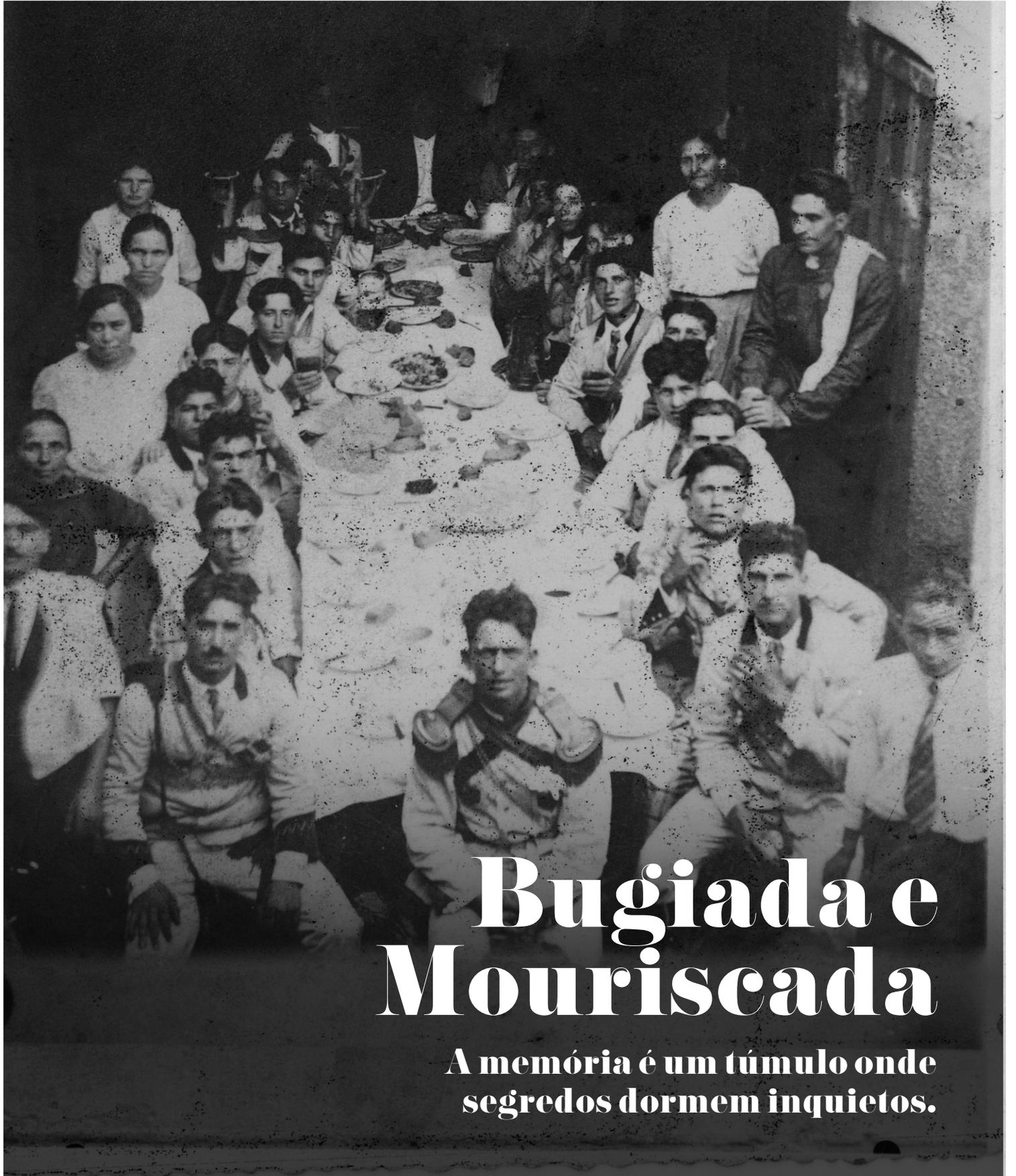


LETRA da PRAÇA

REVISTA CULTURAL FESTA DA BUGIADA E MOURISCADA

EDIÇÃO II
ABRIL 2025



Bugiada e Mouriscada

A memória é um túmulo onde segredos dormem inquietos.



Reinoeiro (foto de André Ferreira, 2018)



Índice

Mensagem	4
Introdução	5
Rituais e Danças.....	6
Implantação da República e o São João.....	24
Tolos não, finos é que eles são.....	32
2º Visconde- O artista	38
A Fotografia mais antiga	42
Joaquim Chicória- Autor do Hino de São João de Sobrado	54
Partitura Hino São João de Sobrado	60
Baltar: A Primeira Banda	62
Património da Bugiada e Mouriscada	68
Conclusão	86

Mensagem



Fábio
Macedo

Vice-Presidente
Associação
São João
de Sobrado

“É preciso fazer mais. É fundamental mostrar ao mundo a riqueza e a beleza da Bugiada e Mouriscada. É isso que estamos a fazer! Porque acreditamos que divulgar também é preservar!”

A Bugiada e Mouriscada é uma celebração singular do património cultural português. Com raízes profundas na tradição local, esta festa assume um papel fundamental na preservação da identidade da comunidade e da sua memória coletiva.

O marketing e a divulgação da Festa da Bugiada e Mouriscada desempenham um papel crucial na sua projeção e sustentabilidade. Estratégias de comunicação bem estruturadas permitem atrair visitantes e investigadores, ampliando o impacto da festa para além da comunidade local. A utilização das redes sociais, campanhas promocionais e parcerias com entidades culturais

são ferramentas indispensáveis para aumentar a notoriedade desta tradição e garantir o seu devido e merecido reconhecimento nacional e internacional.

Um exemplo importante dessa estratégia de divulgação é a “Lavra da Praça”, uma revista dedicada à festa, que aprofunda o seu contexto histórico e cultural, promovendo o conhecimento e a valorização desta tradição junto a um público mais amplo.

A par com o registo das memórias é fundamental valorizar a integração de tecnologia inovadora que possa potenciar a promoção da festa e contribuir para a atração de visitantes ao longo de todo o ano. Acredito que a criação de experiências interativas, como aplicações móveis com realidade aumentada, permitiria aos visitantes explorar a história, a lenda, os rituais e os bastidores da festa de forma imersiva. A maior produção de documentários digitais e transmissões ao vivo em plataformas de streaming também contribuiria para aproximar o evento de um público global, reforçando o seu impacto cultural e turístico.

A promoção eficaz da festa contribui para o desenvolvimento económico da região, incentivando o turismo e beneficiando setores como a restauração, a hotelaria e o comércio local. A visibilidade do evento permite que a história e a tradição de Sobrado sejam conhecidas e valorizadas por um público mais vasto, reforçando o orgulho dos seus habitantes e incentivando novas gerações a manter viva esta manifestação cultural.

Em suma, a Festa da Bugiada e Mouriscada não é apenas um evento anual, mas um verdadeiro símbolo do património português, cuja preservação e divulgação são essenciais para assegurar a continuidade da tradição e o enriquecimento da identidade cultural do país.

Introdução

Segunda edição: O São João de Sobrado e a Primeira República.



Nuno
Alexandre
Ferreira

Coordenador
da revista Lavra
da Praça

O lançamento da primeira edição da revista “Lavra da Praça” foi significativamente bem acolhido pela comunidade de Sobrado, pelo conteúdo partilhado, pelo design apresentado e pelas memórias evocadas. Foi a alvorada de um importante repositório fotográfico e documental sobre a Bugiada e Mouriscada mas também sobre Sobrado.

Nesta segunda edição, a revista seguirá o mesmo conceito, ainda que com outros assuntos. O objetivo de investigação e abordagens sobre a festa, foi a referência ao período histórico da primeira república (entre 1910 e 1926), nomeadamente de que forma os ideais revolucionários republicanos influenciaram a festa, bem como a origem do Hino São João de Sobrado e o seu autor.

No âmbito da descrição da festa, procedeu-se ainda a um enquadramento e apresentação dos vários rituais e danças da festa, sejam eles no âmbito religioso, da Bugiada e Mouriscada, entradas e serviços da tarde para que se compreenda toda a complexidade e beleza do dia 24 de junho. Conjuntamente, iniciou-se uma relação referente ao património material e imaterial associado à festividade, com o intuito da sua promoção e conhecimento, num conceito que se prolongará nas edições seguintes.

Esperamos que este projeto continue a prosperar nos seus frutos e possibilite uma perceção maior e mais global sobre a festa, o seu valor antropológico e etnológico tanto para Sobrado como para o concelho de Valongo e seja, inclusive, agregador de conhecimento histórico, uma vez que era uma das lacunas das investigações até então concretizadas.

Este é mais um projeto da Associação São João de Sobrado, em colaboração com as várias entidades associadas à festa e sobretudo com o apoio de toda uma comunidade, que se envolve seja na cedência de fotografias, documentos, mas também na produção de conteúdos.

O mote da revista mantém-se. “Ela é nossa!” e por isso temos a missão, transmitida pelas gerações antecedentes, de a salvar, guardar, proteger e promover. Que este seja o início de uma boa marcha e que muitos assuntos surjam e possam ser lavrados por escrito para que as gerações futuras compreendam melhor os nossos rituais, as nossas danças e sobretudo a nossa paixão.

Lavra da Praça é mais do que uma revista! É um arquivo, um repositório do passado, presente e futuro!



Cego na lama (foto de Hugo Carneiro, 2023)

Rituais & Danças

Nuno Alexandre Ferreira

A Bugiada e Mouriscada é uma festa cíclica associada ao solstício de verão que engloba danças e rituais ancestrais inseridos numa narrativa teatral. As suas influências são diversas encontrando-se integrada nas festas de mouros e cristãos, tão comuns na península ibérica e até no espaço europeu e latino americano.

As festas do Corpus Christi, que ocorriam e ainda se realizam com forte expressão por todo o país, poderão ter sido uma das gêneses da nossa festa. O mesmo acontecendo com as bugiadas e as mouriscadas, que aconteciam por toda a extensão territorial nacional, de forma separada, e que em Sobrado se terão fundido e criado a sua própria narrativa, tornando-se única por esse motivo e persistindo no tempo devido à paixão e tenacidade do seu povo.

Poder-se-á dizer que existem cinco rituais distintos nesta tradição:

- **A Bugiada e Mouriscada** que evoca a recriação da lenda dos Bugios e dos Mourisqueiros;
- **O ritual religioso** que inclui a missa solene e procissão em honra de São João, ainda que na narrativa da lenda, a procissão recrie o momento do Roubo do Santo;
- **As entrajadas ou estardalhadas** que são pequenas encenações populares que não estão inseridas na lenda, mas que fazem parte da mística e tradição da festa;
- **A Lavra da Praça ou serviços da tarde** que são rituais agrícolas representados em ordem inversa de uma forma caricaturesca e mascarada, ocorrendo à tarde, durante os intervalos das danças dos Bugios e Mourisqueiros ou, às vezes, em simultâneo;
- **A sapateirada ou Dança do Cego** é uma encenação popular e mascarada tendo como temáticas os dramas da vida quotidiana popular ancestral, mas que nos reporta, em parte, para a atualidade.

O São João de Sobrado é bastante complexo, tornando-se impossível assistir todos os rituais no dia 24, uma vez que alguns rituais ou danças ocorrem em simultâneo. Mas esta complexidade é apenas um convite a todos os forasteiros e até sobradenses a acompanharem a festa em anos distintos bem como aos seus diversos personagens, ainda que com diferentes perceções e atenção.

No dia 24 de junho, na aurora do dia, começa-se a ouvir o tlintar dos guizos e o som dos penachos dos Bugios, sendo ainda visível o caminhar dos Mourisqueiros com as suas barretinas debaixo dos braços, bem como os seus espadins. Os foguetes que ecoam por toda a vila de Sobrado, marcam cada momento e cada dança.

É o advento do dia mais longo e extraordinário do ano, onde a realidade e a fantasia se fundem, criando-se uma mística muito própria e que encanta todos os participantes e forasteiros.



Troca de oferendas (Foto de Paulo Luís, 2017)

Dança em Casa do Reimoeiro

No dia de São João, logo pela manhã, por volta das 8 horas, os Mourisqueiros concentram-se junto da Casa do Reimoeiro.

No percurso até à casa do Reimoeiro, mouros e cristãos não se podem cruzar, ver nem atravessar o “Largo do Passal”.

O Reimoeiro, apresenta-se perante a sua formação, sendo saudado pelos Mourisqueiros. Ao som da “Caixa”, os Mourisqueiros, liderados pelo Reimoeiro, procedem a uma dança, a primeira do dia. Concluída a dança, segue-se um “mata-bicho” (lanche) oferecido pelo Reimoeiro aos seus soldados e tocador.

No fim, a formação mourisca dirige-se para a Casa do Bugio e do Mourisqueiro, onde decorrerá o “jintar” (jantar).



Mourisqueiros em casa do Reimoeiro (Foto de Hugo Carneiro, 2022)

Dança em Casa do Velho

À semelhança dos Mourisqueiros e no mesmo horário, os Bugios concentram-se junto da Casa do Velho da Bugiada. Muitos Bugios chegam durante a madrugada, num costume que se foi enraizando nas últimas décadas para que os bugios possam escolher a sua localização na formatura. Os Bugios não se podem cruzar com os Mourisqueiros nem atravessar o “Passal”. Entretanto, o Velho da Bugiada apresenta-se perante a sua formação, normalmente à varanda ou à porta de sua casa, sendo imediatamente saudado pelos Bugios. De seguida, procede-se a uma dança que decorre ao som das melodias do grupo de tocadores da Bugiada com os seus violinos e violas braguesas, correspondendo assim à primeira dança do dia. Concluída a dança, segue-se um “mata-bicho” que é um lanche oferecido pelo Velho aos Bugios e tocadores. No fim, o Velho da Bugiada e os Bugios dirigem-se para a Casa do Bugio e do Mourisqueiro para o seu “jintar” (jantar).



Velho da Bugiada na sua casa (Foto de André Dinis, 2023)

Jintar dos Mourisqueiros

Vindos da Casa do Reimoeiro, os Mourisqueiros deslocam-se em direção à Casa do Bugio e do Mourisqueiro. Quando aqui chegam, executam uma dança diante do edifício, entrando de seguida para o Salão dos Mourisqueiros, que se situa no rés-do-chão do edifício.

Os Mourisqueiros são os primeiros a “jantar”, seguindo-lhes os seus oponentes cristãos. Quando os Bugios chegam à Casa do Bugio e do Mourisqueiro, as portas do salão dos Mourisqueiros são encerradas para que não exista nenhum contacto entre ambas as formações. Quando os Bugios entram no edifício e o Velho da Bugiada se senta, iniciando-se o “jintar” da Bugiada, o Reimoeiro envia os seus “Guias” ao encontro da formação Bugia, presenteando-os, em jeito de oferenda, restos do repasto, ossos e cornos de animais, entre outros. Os Bugios, interpretando esta oferenda como uma afronta, respondem de igual forma, sentindo-se a tensão bélica no ar. No fim do banquete, os Mourisqueiros levantam-se, executam outra dança diante da Casa do Bugio e do Mourisqueiro e por fim dirigem-se para Campelo, para o “Roubo do Santo”.



Troca de oferendas com os Mourisqueiros (foto de Hugo Carneiro, 2024)

Jintar dos Bugios

Quando chegam à Casa do Bugio e do Mourisqueiro, vindos da Casa do Velho, os Bugios executam uma dança diante do edifício, entrando no salão dos Bugios após o término da dança. Antes de iniciarem o banquete e já sem máscaras (num dos poucos momentos em que os Bugios podem retirar a careta), os Bugios escutam as indicações e diretrizes que o Velho da Bugiada dirige a todos sobre o que irá acontecer no dia. De seguida, sentam-se e começam a comer. Este momento corresponde ao seu jantar, também designado de “Jintar”. Após receber os “Guias” ou emissários dos Mourisqueiros, o Velho da Bugiada retribui a afronta e prepotência mouriscas, enviando os seus “Guias” com oferendas que se assemelham às recebidas: restos do repasto, cornos, ossos, vegetação podre, entre outros.

Durante o banquete, as entrajadas entram no edifício e dão o seu espetáculo, interagindo com os Bugios e com o público. No fim do banquete, os Bugios levantam-se, executam outra dança diante da Casa do Bugio e do Mourisqueiro e por fim dirigem-se para Campelo.



Jantar dos Bugios (Foto de Hugo Carneiro, 2023)

Entrada da Banda de São Martinho

Os músicos integrantes da Banda Musical de S. Martinho do Campo aglomeram-se junto do cruzeiro do Passal. De seguida, antes do término da missa matinal (que principia às 8h00 e termina uma hora depois) apresentam-se perante a comunidade tocando uma “arruada de entrada” no Largo do Passal e ao redor da Igreja Matriz, em formação própria de género militar.

Posteriormente deslocam-se para a Casa do Juiz da festa ou num local previamente definido para irem “buscar o juiz”. Caso o ponto de encontro seja em Casa do Juiz este oferece um “mata-bicho” aos músicos e também aos mordomos da Comissão. O juiz e os mordomos da Comissão de Festas, liderados pelas melodias da Banda de Música, dirigem-se para a Igreja Matriz onde participarão na Missa Solene.



Banda de S. Martinho (Foto de Hugo Carneiro, 2024)



Missa Solene na Igreja Matriz (Foto de Município de Valongo, 2022)

Missa Solene

A Missa Solene em honra de São João decorre com toda a pompa e solenidade na Igreja Matriz de Sobrado. Antes do início da celebração é lida a lista de mordomos e o nome do juiz da Comissão de Festas que assumirá a organização no ano seguinte. Integram a celebração os representantes autárquicos, a Comissão de Festas que organiza a festa, alguns convidados, o bispo ou presidente da celebração convidado pelo pároco bem como os fiéis-devotos.

Durante a celebração, os Mourisqueiros executam uma dança junto das alminhas do Caminho Novo, descansando um pouco na “Casa dos Escola”. O Reimoeiro e Guias dirigem-se para a Igreja Matriz pelos “Terrenos do Passal”, que se localizam atrás do Restaurante Engenho e durante a entoação do cântico “Santo”, o Reimoeiro e os “Guias” adentram-se na Igreja para “Roubar o Santo”, consoante a Lenda da Bugiada e Mouriscada.

Procissão / Roubo do Santo

Depois de celebrada a Missa Solene e da entrada rompante do Reimoeiro e “Guias” na celebração, procede-se à procissão em honra de São João de Sobrado. Este momento, em parte, recria o “Roubo do Santo” concretizado pelos Mourisqueiros aos cristãos e que é abordado na lenda.

O andor de São João capta toda a atenção dos forasteiros e crentes, pela beleza da imagem, o esplendor floral mas também pelo facto de ser o motivo de devoção de todos os sobradenses.

A procissão inicia-se na Igreja Matriz, segue em direção à Ermida das Alminhas do Caminho Novo, rodeando-a, prosseguindo até à rotunda do Passal, passando no cruzeiro do Passal e terminando na Igreja Matriz, após uma volta à mesma.

Integram a procissão os andores de São João de Sobrado, Santo André e Nossa Senhora da Assunção, que são carregados pelos Mourisqueiros. Os mordomos da Comissão de Festas são responsáveis pela participação das bandeiras dos respetivos santos, da cruz e lanternas, do púlpito o qual protege o presidente da celebração com o Santíssimo. A Banda Musical de S. Martinho do Campo, autoridades locais, membros da comissão, bombeiros, entre outros também integram a procissão, mostrando a relevância religiosa e social deste momento.

Outrora, outras imagens de santos integraram a procissão como o São Sebastião e o Santo António.

Terminada a procissão, os Mourisqueiros retornam à Casa dos Escola na Rua São João de Sobrado, preparando-se para a Dança de Entrada.



O Roubo do Santo pelos Mourisqueiros (Foto de André Ferreira, 2018)



Dança de Entrada dos Bugios (Foto de Hugo Carneiro, 2023)



Dança de Entrada

Depois da procissão, a Rua São João de Sobrado, artéria central desta vila, é ocupada por uma vasta multidão, que de forma ansiosa e expectante, aguarda pelos Mourisqueiros e Bugios.

No edifício da Junta de Freguesia, no salão nobre, encontram-se os convidados da organização que aqui se concentram para assistir a este momento.

A Dança de Entrada é uma dança de apresentação que ambas as formaturas realizam, em jeito militar, perante o público. É um dos pontos altos do dia 24, juntamente com a Prisão do Velho.

Os Mourisqueiros apresentam-se sempre em primeiro lugar, seguindo-lhes a formação dos Bugios. Ambas as formaturas são acompanhadas pela Banda Musical de S. Martinho, que toca o “hino de S. João”, na parte do trajeto das Alminhas até ao Largo do Passal. Aí, quando termina a música da Banda, começam as danças acompanhadas pelo “caixa” (Mourisqueiros) e pelos tocadores da Bugiada.

Os dois exércitos, após o desfile na rua central, procedem a uma dança em forma de cruz, que termina com um movimento de corrida em direção à Igreja Matriz.

No final de cada Dança de Entrada, junto ao adro da igreja, é feita a aspersão de água benta com ramos de oliveira aos Mourisqueiros e aos Bugios, pelos seus líderes, que utilizam a caldeirinha da Igreja. Neste momento de bênção, os Mourisqueiros retiram as barretinas enquanto os Bugios podem retirar, pela segunda vez no dia, a sua careta.

Entrajadas

Os grupos das críticas sociais, também designados de Entrajadas ou Estardalhadas, após terem interagido e estado presentes na Casa do Bugio e do Mourisqueiro, deslocam-se para a Rua do Caminho Novo, aguardando neste local pelo fim da Dança de Entrada dos Mourisqueiros e Bugios. Desfilam de seguida, no enalço da Bugiada, interagindo com o público.

Trata-se de uma espécie de curso carnavalesco, em que pessoas mascaradas, individualmente ou em grupo, tecem, de forma distinta e autêntica, sátiras sociais. Um denominador comum destas representações é a malícia, mascarada de comédia. A sua participação é voluntária e cômica, estando as suas “críticas” relacionadas com acontecimentos relevantes da vida quotidiana local, política e até sobre assuntos da Bugiada e Mouriscada.



Entrajadas (Foto de Hugo Carneiro, 2024)

Dança do Sobreiro

A Dança do Sobreiro, assim designada por ser realizada junto a um sobreiro no Largo do Passal, decorre após a Bênção dos Mourisqueiros e dos Bugios. Primeiro os mouros e depois os cristãos, dançam junto desta árvore simbólica.

Os Mourisqueiros, depois da bênção, executam uma dança em forma de cruz diante da Igreja Matriz, prosseguindo para junto do Sobreiro. Terminada a dança, executam nova “cruz” junto da rotunda de campelo que culmina na Rua José Araújo.

Por sua vez, os Bugios, finda a “bênção”, dirigem-se para junto do sobreiro, onde executam a sua dança. Neste momento, segundo a tradição, “guias”, “rabos” e demais lugares deveriam ser “batidos” pelo Velho da Bugiada, o que nem sempre ocorre. Quando a Dança do Sobreiro termina, os tocadores lideram o trajeto dos Bugios que se encerra na Rua José Araújo.

Quando esta dança termina, verifica-se uma interrupção nas danças dos Bugios e Mourisqueiros, que retomam no período da tarde.



Bugios na Dança do Sobreiro (Foto de Município de Valongo, 2019)

Cobrança dos Direitos

No início da tarde, o primeiro ritual da “Lavra da Praça” a ser recreado é a Cobrança dos Direitos, numa alegoria à antiga cobrança de impostos aos agricultores. Com um grupo de Bugios a abrir caminho no meio da multidão, um Bugio percorre o Passal, montado num burro, mas sentado ao contrário. Leva na sua mão um livro grosso dos direitos a cobrar, escrevendo nele com um pau a fazer de pena e usando como tinteiro, o rabo do animal.

O trajeto inicia-se na Casa do Marto (na Rua José Araújo), prolongando-se até ao Largo do Passal. Neste trajeto, vai cobrando, nas várias tendas e barraquinhas da festa, os direitos por meio de géneros (normalmente bebidas) e passando o respetivo recibo.



Cobrança dos Direitos (Foto de Hugo Carneiro, 2024)

Semear

A Sementeira ou Semear é a cena seguinte à Cobrança dos Direitos. Nesta encenação, o semeador (mascarado e com vestes toscas) lança as sementes ao ar e na praça durante o seu percurso (que se inicia na Casa do Marto e se prolonga até ao Largo do Passal). Tal como o Cobrador, o lavrador que semeia, fá-lo montado, ao contrário, num animal (que pode ser o mesmo ou outro), espalhando cinza ou serrim de madeira (outrora era baganha de linho, numa imitação do milho). É também coadjuvado na sua labuta por Bugios que encaminham o animal. No fim do percurso, o seu saco de serapilheira fica vazio, sinalizando o fim do seu trabalho.



Sementeira (Foto de Hugo Carneiro, 2024)

Gradar

Gradar a terra, que normalmente ocorre depois que se lava a terra, no São João é retratado a seguir à sementeira, portanto ao contrário. O Homem da Grade ou Gradador é o agricultor que com uma grade tosca de madeira, grada a terra, percorrendo o mesmo trajeto do Semeador. Usa vestes, previamente encharcadas na lama, igualmente rústicas que incluem máscara e chapéu.

A grade encontra-se atrelada ao animal e durante o trajeto, por vezes, esta desorienta-se e o Gradador tem de a puxar. Tal como os demais personagens dos Serviços da Tarde, interage com o público roçando as suas roupas encharcadas nas pessoas. No fim da sua labuta, a grade encontra-se completamente destruída, restando alguns paus desengonçados atrelados às correias puxadas pelo burro.



Gradar (Foto de Hugo Carneiro, 2024)

Lavrar

A Lavra é a última encenação dos rituais agrícolas recreados. O Homem do Arado ou Lavrador segue o mesmo trajeto das figuras anteriores, possuindo máscara e chapéu, usando vestes agrárias típicas de antigamente e enlameadas. O seu instrumento de trabalho é um arado que é representado por um pau alongado com dois galhos a que o lavrador agarra, com uma roda e uma aiveca, sendo puxado por um burro. Os Bugios ajudam o lavrador conduzindo o animal e ambos vão interagindo e encostando-se ao público.

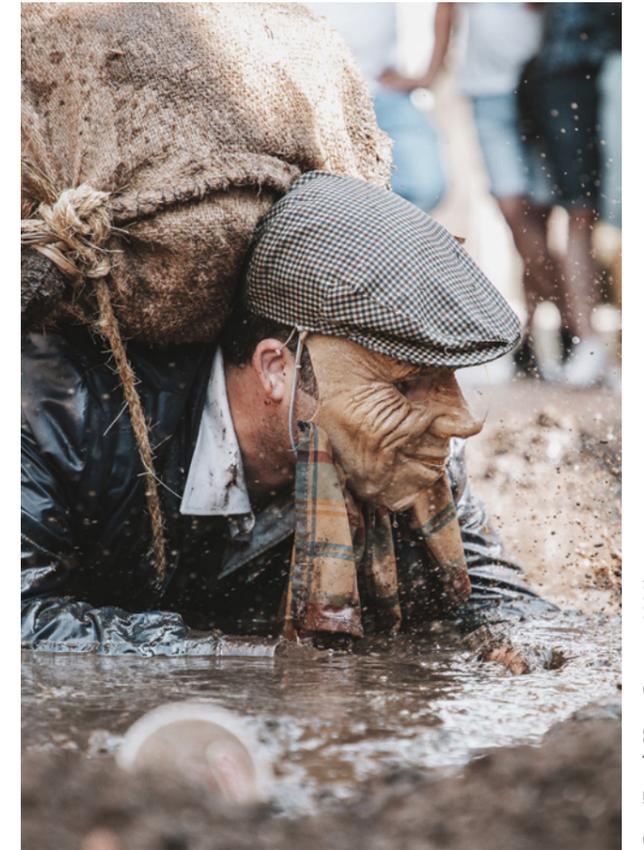


Lavra da Praça (Foto de Hugo Carneiro, 2023)

Sapateirada / Dança do Cego

A Sapateirada ou Dança do Cego é um outro ritual cómico encenado após a Lavra da Praça. Nesta farsa, cómica e um pouco grotesca, integram cinco personagens: Cego, Moço do Cego (Bugio), Sapateiro, Moço do Sapateiro (Bugio) e a Fiadeira ou mulher do Sapateiro.

O Cego é uma figura itinerante, de fora, que chega à povoação, juntamente com o seu coadjuvante, o moço. O sapateiro é um trabalhador local que tem o seu moço bem como a Fiadeira que é a sua mulher. Nesta trama e durante uma confusão que, entretanto, se gerou, o moço do cego rouba a mulher ao Sapateiro e foge com ela. A normalidade só é restabelecida quando o sapateiro, reencontra e perdoo a mulher, após ter vencido o Cego através da luta do pau, achando que era ele o culpado, mas na verdade era o Moço do Cego. Tudo volta à situação inicial e nesta representação, que tem muita participação do público e onde existe bastante imundice, são lançados sapatos, água, lama e excrementos por todo o lado.



Cego (Foto de Hugo Carneiro, 2023)

Dança do Doce

A Dança do Doce ocorre antes da Prisão do Velho no quinteiro da Residência Paroquial, sendo uma dança que simbolicamente associa a paróquia e o pároco às festividades, uma vez que nos primórdios da festa o abade era a autoridade política e religiosa local. Os Mourisqueiros executam a dança em primeiro, seguindo-se os Bugios, ambos ao ritmo da melodia dos seus músicos. Para comerem o doce, os Bugios podem retirar, pela última vez, a máscara. Os Mourisqueiros normalmente dançam sem barretina. No fim de cada dança, o pároco distribui doces, vinho ou refresco por ambas as formações. Posteriormente e à sua vez, seguindo a melodia da Banda de Música de S. Martinho, ambas as formações seguem para os respetivos palanques, onde se iniciará o confronto.



Entrega do Doce aos Bugios (Foto de Diego Sousa, 2024)



Prisão do Velho (Foto de Paulo Luís, 2017)

Prisão do Velho

A Prisão do Velho é um dos momentos altos e o mais emotivo da Bugiada e Mouriscada. Neste momento dramático, as formações iniciam um conflito bélico no Largo do Passal.

Inicialmente, após a dança do doce e a subida para o seu palanque, os Mourisqueiros abrem fogo no local contra os Bugios, sendo imediatamente respondidos de igual forma pelos Bugios- É o início da contenda.

O mensageiro a cavalo, correndo os dois palanques, troca mensagens, encetando uma tentativa de entendimento, mas sem sucesso. Quando termina a pólvora no palanque dos Bugios, os Mourisqueiros abandonam o seu castelo e, ao fim de três tentativas, invadem o castelo dos Bugios. A conquista do palanque bugio ocorre quando o Reimoeiro se apodera das duas bandeiras vermelhas e brancas, com muita dificuldade e oposição dos cristãos, e aprisiona o Velho que “cai por terra”.

Os sábios doutores da lei, de ambos os exércitos, encetam esforços para entendimento e paz, mas sem sucesso. Também entram em cena, crianças-bugio, que clamam por misericórdia, limpando as “bagadas” (lágrimas) ao Velho da Bugiada. Contudo, o Reimoeiro, demonstrando toda a sua prepotência e força, mantém o Velho da Bugiada preso, ignorando os pedidos de clemência e de justiça.

Os advogados, crianças-bugio e bugios abandonam o palanque bugio com toda a carga simbólica e dramática associada. Parece o fim, para os Bugios. A tragédia cristã atinge o seu ápice quando o Reimoeiro força o Velho a “descer” o palanque cristão, mantendo-o sempre preso. Segue-se o apoio e comoção dos bugios por verem o seu chefe rodeado do inimigo. Será que tudo está perdido?

Largada da Serpe

Após a tomada do palanque dos Bugios e do aprisionamento do Velho da Bugiada, este já cativo é conduzido pelo Reimoeiro e Mourisqueiros, dispostos em círculo, para o palanque dos Mouriscos.

Antes de chegarem ao reduto mourisco e após interceção ao S. João, os Bugios, inspirados pelo santo, criam uma serpe (um monstro), sabendo que os mouros temem criaturas monstruosas.

Como último fôlego de esperança e com a força divina, os Bugios carregando a serpe, iniciam uma correria frenética contra os Mourisqueiros, que os assusta. Assim, estes afastam-se, perdendo as bandeiras do palanque dos Bugios e largam o Velho da Bugiada, que corre na dianteira da Serpe, libertando-se assim do julgo mourisco. Seguem-lhe centenas de Bugios.

A Banda Musical de S. Martinho do Campo que executava a “música da paixão”, no momento da captura do Velho, passa a entoar a “música da glória”, no momento da sua libertação.

Compreendendo que o Velho havia sido libertado, os Bugios entoam:

“Oh Ela é nossa!”

Largada da Serpe (Foto de Hugo Carneiro, 2023)



Dança do Santo

Terminada a Prisão do Velho e restabelecida a ordem inicial, chega-se a uma situação de igualdade para Bugios e Mourisqueiros, não havendo vitoriosos ou vencidos, nem havendo nenhuma conversão, tal como acontece em outras festas de mouros e cristãos.

Cada formação, à vez, realiza uma última dança de agradecimento e homenagem ao santo, junto à porta do adro da igreja paroquial, como que o São João se tornasse o protetor de ambas as formaturas.

Em primeiro, tal como ao longo do dia, dançam os Mourisqueiros, seguindo-lhes os Bugios. A noite já vai escura, mas os Sobradenses e forasteiros não arredam o pé e acompanham mais este momento emotivo. Nesta dança, é a paixão e o ardor que dançam uma vez que as forças físicas e mentais já não estão tão vivas.

O sentimento de Bugios e Mourisqueiros é que o dia está a terminar e terão que esperar mais um ano para voltar a sentir o que viveram neste dia.



Mourisqueiros na Dança do Santo (Foto de Diogo Sousa, 2024)

Entrega do Ramo

No final da festa, na escuridade da noite, procede-se à passagem da organização da festa da comissão de festas atual para a do ano seguinte, com a entrega simbólica de um ramo de flores.

A cerimónia é acompanhada pela Banda Musical de S. Martinho que toca algumas músicas tradicionais. De seguida, a Banda rodeia a Igreja Matriz e sai do adro, percorrendo as ruas Padre Agostinho de Freitas e São João de Sobrado até chegar ao início da Rua de Campelo. Neste trajeto, todos, incluindo Bugios e Mourisqueiros, já depois do fim da recreação da lenda, terminam a festa dançando ao som daquilo que mais os une: o hino de São João.

Apesar de não integrar oficialmente a festa, é o momento de celebração da paixão por toda a comunidade. No fim é servido vinho e doces brancos, oferecidos pela Comissão de Festas.



Entrega do Ramo à nova Comissão (Foto de Diogo Sousa, 2024)



A Magia e a Paixão encerram-se (Foto de Diogo Sousa, 2024)



“Houve as tradicionais danças dos ‘Mouriscos e Bugios’ sempre muito engraçadas e apimentadas. Não há meio de tirar esta antiga costumeira, tão enraizada está nos hábitos deste povo”

A Mouriscada (Foto de Armando Leça, proveniente do Arquivo Fotográfico da C.M. Mansinhos, cedida pelo CDBM - Centro de Documentação da Bugada e Mouriscada, 1939/40)

Implantação da república e o São João

Nuno Alexandre Ferreira

Panorâmica de Sobradinho vista a partir da Quinta do Paço (Pintura de Alberto de Oliveira. Freixos Guimarães cedida pelo Centro Português de Fotografia)

Os últimos anos da monarquia foram relevantes para Sobrado, uma vez que foram inúmeras as transformações económicas, sociais e culturais, ressaltando-se a posição desta freguesia como uma das mais desenvolvidas do concelho de Valongo, ficando apenas atrás da sede de concelho.

O abade de Sobrado neste período, António Mendes Moreira, foi uma figura política preponderante nos derradeiros anos da monarquia, nos reinados de D. Carlos e de D. Manuel II, tendo exercido o cargo de Presidente da Câmara Municipal de Valongo entre 1902 e 1907 e entre março de 1908 até à Implantação da República em 1910.

Relativamente ao regicídio ocorrido em Lisboa, na Sessão da Câmara Municipal do dia 12 de fevereiro de 1908 refere-se, tendo por base um ofício do Governador Civil, que *“foram vítimas d’um abominável atentado, ficando mortos, Sua Magestade El-Rei D. Carlos I e Sua Alteza Real o Príncipe D. Luiz Philippe.”* Este atentado decorreu no dia 1 de fevereiro de 1908 no Terreiro do Paço. Tendo falecido o rei e o príncipe-herdeiro, herdou o trono o príncipe D. Manuel. O executivo da câmara de Valongo, sabendo do acontecido pelos jornais, já tinha emitido *“telegramas de protesto contra o mesmo atentado e condolências pelas vítimas de tão terrível acontecimento que veio enlutar a Nação Portuguesa.”*

Eram já sinais de mudanças políticas que pairavam no ar e que já se sentiam em algumas freguesias do concelho de Valongo, como era o caso de S. Lourenço de Asmes (Ermesinde) mas que em nada se faziam sentir em Sobrado, que mantinha o seu conservadorismo e tradição.

Na sessão extraordinária do dia 6 de Maio de 1908, o executivo camarário, presidido por António Mendes Moreira (Abade de Sobrado) considera que *“(…) este dia era de regozijo publico pela aclamação de S. Magestade El-Rei (D. Manuel II) e portanto não po-*

dia passar indiferente a esta Camara Municipal que representa um concelho genuinamente monarchico e sempre leal às instituições vigentes.”

Curiosamente, dois anos depois, o mesmo executivo viu-se obrigado a proceder à proclamação da República Portuguesa a 10 de Outubro de 1910 estando lavrado em ata que *“(…) este município congratula-se com o notável acontecimento que há-de ficar registado em letras douradas paginas da historia pátria e declara solennemente proclamada a Republica Portuguesa.”*

António Mendes Moreira era o rosto dos monárquicos e da influência religiosa na política local, em Valongo, pelo que, no dia seguinte, a 11 de outubro, o Reverendo Abade de Sobrado, António Mendes Moreira, foi substituído na presidência do executivo camarário de Valongo por Joaquim da Maia Aguiar, esse sim mais revolucionário e um dos rostos republicanos locais.

No que concerne à freguesia de Sobrado, a transição do poder para as mãos republicanos decorreu na sessão da Junta de Parochia do dia 30 de outubro de 1910. Neste sentido, o Abade António Mendes Moreira que era o presidente da Junta de Parochia até então, cessou funções em prole de Joaquim Vinhas. Nesta sessão, *“(…) o Excelentíssimo Administrador do concelho (Joaquim da Maia Aguiar) em eloquentes palavras fez sentir aos membros da Comissão quanto era nobre, no actual regime, a missão que lhes era confiada, e pediu-lhes que na administração dos bens da parochia fossem o mais solícitos e zelosos, mais do que na administração dos seus próprios bens, dos quais só deviam satisfação à sua própria família, ao passo que d’aquella tinham que dar satisfação, não só à autoridade tutelar, mas também a todos os cidadãos da parochia, ainda aos mais pobres, pois que pelo novo regime todos eram eguaes e todos tinham eguaes direitos. Pediu-lhes mais que nas suas deliberações fossem sempre justos e imparciais, não vendo nunca nos seus administrados amigos nem*

inimigos, pondo de parte quaesquer ressentimentos, se porventura os houvesse, e empenhando-se tão somente em promover quanto caiba em suas forças os melhoramentos anteriores da parochia, o que se esperava confiadamente.” O até então presidente da junta de Parochia, António Mendes Moreira, concordou com o que foi dito e se esse caminho fosse seguido, as novas autoridades teriam *“a sua sympathia e o seu apoio incondicional.”*

A transição política e social entre a monarquia e a república foi fortemente conturbada. O novo regime político não estava seguro da sua posição dominante, uma vez que os Monárquicos não desistiam de ten-

tar recuperar o poder (pelo menos até à Monarquia do Norte em 1919). Neste período a Igreja Católica sofreu perseguição política contra o seu património, benefícios e até autoridade religiosa, sendo deste período a legislação da separação da Igreja do Estado.

O Padre Mendes Moreira, pároco de Sobrado neste período tão conturbado acaba por ser envolvido numa situação protagonizada pelo Padre António Antunes, pároco de Ermesinde, a 29 de setembro de 1911 (Dia de São Miguel, Arcanjo). *“O Abbade d’Ermesinde Paulo António Antunes, sahuiu na noite de 29 de Setembro findo, n’um carro, seguindo para Alfena entrando em casa do Pe. Manuel Vieira*



Festa no Passal (Foto de Joaquina Silva, meados do séc. XX)

Leite, cura d'aquella freguesia; seguiu para Vallongo onde esteve em casa do Pe. Joaquim Lopes Reis e dahi para Sobrado, entrando em casa do abbade d'aquella freguesia." "Convidou-os para o auxiliarem n'um movimento revolucionário, pedindo-lhes para mandarem tocar os sinos a rebate, quando fosse de madrugada, aliciando o povo e seguindo com elle para a sede do concelho, a fim de tomarem conta da Camara e administração, ficando elle administrador." Um plano bem elaborado, mas não executado porque os referidos sacerdotes não apoiaram a causa. O que é certo é que o pároco António Antunes, de Ermesinde, esteve fugido, desconhecendo-se o seu paradeiro e o Padre António Mendes Moreira, pároco de Sobrado foi expulso da residência paroquial tendo ido viver para casa do José Sezila, do Vilar, tendo a sua morte ocorrido a 28 de junho de 1915 nesta casa. Foi sepultado, entregue quase ao esquecimento, no Cemitério Paroquial.

No que concerne à festa de São João de Sobrado, sabe-se que esta continuou a realizar-se, uma vez que existem referências à festa, especialmente em 1913, o que demonstra que ainda que em muitas outras terras, algumas festividades, especialmente as religiosas, tenham sido proibidas ou suspensas, o mesmo não terá ocorrido neste período. A possível participação das Bugiadas e Mouriscadas nas festas de Carnaval de 1911 no Teatro Zina, em Valongo, já abordada por Paulo Caetano Moreira em "Bugiada e Mouriscada fora de portas e algumas designações" demonstra que a festa de São João de Sobrado não terá sido censurada pelo novo regime. Relativamente a alterações nos rituais e danças provocadas pela Implantação da República em 1910, nada de sabe, sendo importante que as pesquisas e investigações sobre a festa, no futuro, se debrucem sobre estes assuntos.

Bibliografia

- Ferreira, N. (2016) Igreja Matriz de Sobrado- O Segredo da Memória. Valongo: Edição de autor



Proissão da festa de São João de Sobrado, em Sobrado (Fotografia do fundo de Oliveira Freitas Guimarães cedida pelo Centro Português de Fotografia, inícios do séc. XX)



Prisão do Velho da Bugiada (Foto de Hugo Carneiro, 2024)

Grossa pancadaria, pedradas e tiros.

Tolos não, finos é que eles são.

Nuno Alexandre Ferreira

A Implantação da República, a 5 de outubro de 1910, em Lisboa, provocou transformações profundas em Portugal, uma vez que os republicanos defendiam ideais revolucionários, inspirados pela revolução francesa, nomeadamente a liberdade, igualdade e fraternidade. Defendiam também a separação da Igreja Católica do estado, o que de facto aconteceu a partir de 1911. Deste modo, muitas festividades e tradições religiosas foram proibidas ou condicionadas.

Relativamente ao São João de Sobrado, tal não terá acontecido, pelo menos nos primeiros anos republicanos, desconhecendo-se algum condicionalismo à realização da festa até ao fim do regime da primeira república.

Relativamente a factos, apenas se conhece duas descrições da festa, escritas em jornais, nos anos de 1913 e 1915.

No artigo do jornal “O Vallonguense”, datado de 29 de junho de 1913, é referindo que *“Realizou-se na passada terça-feira a festa de S. João Baptista. Houve as tradicionais danças dos ‘Mouriscos e Bugi-*

os’ sempre muito engraçadas e apimentadas. Não há meio de tirar esta antiga costumeira, tão enraizada está nos hábitos deste povo a quem chamam tolo; eu penso porém que mais tolos são aqueles que atravessando montes e vales o vêm apreciar. Tolos não, finos é que eles são, porque com suas artes pitorescas chamam grande número de forasteiros à sua terra”.

Neste artigo é possível compreender que a Bugiada e Mouriscada ter-se-á realizado, como era costume. O autor afirma ainda que se trata de uma festa antiga, ao mencionar *“(...) esta antiga costumeira, tão enraizada está nos hábitos deste povo (...)”*. É possível também decifrar, através das suas palavras, que ele aprecia esta festa, reconhecendo o seu valor e relevância para as gentes de Sobrado e para a cultura portuguesa, aclamando as danças dos Bugios e Mourisqueiros como *“artes pitorescas”*. Desconhece-se, no entanto, o autor desta menção bem como ser era de Sobrado.

Por sua vez, em 1915, No dia 3 de julho de 1915, o jornal “O Comércio do Porto”, publicou um artigo datado de 25 de junho, que dizia o seguinte: “Realisou se Hontem, na vizinha freguezia de Sobra-



Velho da Bugiada, considerado para o seu manto (Foto de Joaquina Silva, 1957)

do, a tradicional festividade ao S. João, que foi concorridíssima deromeiros das freguezias e concelhos limitrophes, apesar do dia de manhã se apresentar um pouco invernoso. Terminada a festa de igreja, que se constou de missa solemne e procissão, duas bandas de musica, em coretos no arraial, fizeram-se ouvir durante o dia, e as clássicas dansas de «bujios» e «Mourisqueiros», com os seus trajes carnavalescos e múltiplas folias, imprimiam no arraial um tom essencialmente alegre. Como no arraial houvesse abundancia de petiscos e vinho á venda, não deixou este de, ao cair da tarde, produzir os seus costumados effeitos. Por causa de um copo que um individuo quebrou e se recusou a pagar ao vendedeiro, resultou uma grande desordem, havendo grossa pancadaria, pedradas e tiros, ficando muitas pessoas feridas, algumas com certa gravidade.”

Analisando esta notícia, que pode ser dividida em duas partes, a descrição da Bugiada e Mouriscada em 1915 e a situação de desordem, tiros e pancadaria ao cair do dia.

Relativamente à Bugiada e Mouriscada, as palavras do correspondente anónimo, são muito importantes porque atestam a participação de muita gente, quer de Sobrado como das terras vizinhas, na festa, abordando ainda a realização de missa, procissão e dos rituais da festa. Disse ainda que esta era uma “tradicional festividade ao S. João”, e que a manhã foi invernosa, ou seja, que provavelmente terá chovido e sido um pouco fria, uma vez que já era verão. Mencionou ainda a existência de duas bandas de música, não dizendo quais eram. Presume-se que uma seja a Banda de Bal-

tar, não se podendo atestar, no entanto, com total certeza. Associou, ainda, os trajes dos Bugios e Mourisqueiros como carnavalescos e que estes faziam ainda “múltiplas folias”.

Uma situação que não se assegura correta é a forma como escreve «bujios», uma vez que o termo correto será Bugios. Curiosamente, ainda nos dias de hoje, de forma corriqueira, muitos são aqueles que ainda escrevem desta forma, para desagrado de outros.

O correspondente aborda ainda a “grossa pancadaria”, descrevendo a altercação entre um forasteiro e um vendedor e que a situação se terá descontrolado, resultando em “muitas pessoas feridas, algumas com certa gravidade.” Esta situação não é nova, uma vez que já no século XIX, os jornais relataram desacatos similares, o mesmo confirmando o autor destas palavras ao dizer que a abundância de comes e bebes na festa produziam os “costumados efeitos”, confirmando que já eram habituais.

Outra situação que atesta a relevância da festa no período republicano é a fotografia tirada por Alberto Guimarães, 2º Visconde de Oliveira do Paço, nos inícios do séc. XX. Desconhece-se qual o ano e o nome dos integrantes desta fotografia, sendo perceptível a figura do Reimoeiro, que é retratado a fumar, junto de outros Mourisqueiros. As dragonas e as faixas cruzadas chamam a atenção, percebendo-se ainda que o Reimoeiro calçava socos e não usava polainas nem polainites. Interessante é também a presença alegre dos forasteiros, que trajam tipicamente como era usual neste período, bem como a aparição da Igreja Matriz ao fundo.

Bibliografia

- CORREIA, André Manuel (16 de Janeiro de 2025). “A IA é um carro sem travões, guiado sem carta de condução, numa rua sem sinais”, alerta a especialista portuguesa Virgínia Dignum. Expresso. Obtido em 14 de Fevereiro de 2025, de <https://expresso.pt/semanario/revista-e/-e/2025-01-16-a-ia-e-um-carro-sem-travoes-guiado-sem-carta-de-conducao-numa-rua-sem-sinais-alerta-a-especialista-portuguesa-irgini-dignum-9e6b8767>
- CPF (2023 [2017]). Obtido de Centro Português de Fotografia: <https://digitarq.cpf.arquivos.pt/details?id=1246871>

Dança de Entrada dos Bugios (Foto de Joaquina Silva, 1957)



Dança de Entrada dos Bugios (Foto de Joaquina Silva, 1957)



Festa de São João de Sobrado (Foto de Joaquina Silva, 1957)



Velho da Bugada no palanque (Foto de André Ferreira, 2018)

20 O artista Visconde

Vera de Oliveira Lamas

Alberto de Oliveira Freitas Guimarães, segundo Visconde de Oliveira do Paço, nasceu a 14 de agosto de 1882 e foi batizado a 24 de setembro do mesmo ano, na Igreja da Sé do Porto. Proprietário, destacou-se pelo seu espírito empreendedor e pela forma como deixou uma marca indelével no desenvolvimento do concelho de Valongo. Com uma visão progressista e um profundo sentido de responsabilidade social, soube aliar a sua paixão pelas artes e pela cultura ao seu compromisso com o progresso das comunidades de Sobrado, São Martinho de Campo e Valongo.

A sua ligação à Festa de São Gonçalo de Sobrado e à Festa da Bugiada e Mouriscada de São João de Sobrado é comprovada, até ao momento, apenas pelas fotografias que ele próprio tirou, sendo estas a única evidência encontrada do seu envolvimento nestas celebrações. Estas imagens, tiradas pelo próprio Alberto, revelam o seu olhar atento sobre as tradições locais e demonstram o seu interesse em perpetuar a identidade cultural da sua terra.

Desde jovem, Alberto demonstrou um talento excepcional para as artes, em particular para a escultura. Com apenas 18 anos, matriculou-se na antiga Academia Portuense de Belas Artes, onde estudou durante quase uma década, tendo sido aluno de Mestre Teixeira Lopes e concluído o curso com louvor. Como referiu Alberto Araújo Lima (1984, p. 9), “Alberto foi (...) aluno de Mestre Teixeira Lopes, tendo concluído o curso com louvor”. Entre as suas obras mais emblemáticas encontra-se um negativo em vidro de uma pintura da vista da Casa do Paço sobre Sobrado, um testemunho do seu profundo vínculo com a terra que sempre valorizou.

Apesar das constantes viagens ao Brasil, onde geria os negócios das suas propriedades no Rio de Janeiro, Alberto nunca deixou de investir na sua terra natal. A sua atenção ao bem-estar da comunidade

e ao progresso do concelho de Valongo foi constante. No Hospital de Valongo, onde esteve presente em 1925, realizou vários donativos e ofertas, incluindo a aquisição de velas automáticas para o altar da capela do hospital. De acordo com Lobo (2006), em 1925, “Alberto visitou o Hospital de Valongo a dois de dezembro” (p. 30), onde fez vários donativos, como em 1927, quando “70\$00 do administrador do concelho, importância de uma indemnização paga ao Sr. Alberto de Oliveira Freitas Guimarães, da freguesia de Campo, hoje Visconde Oliveira do Paço” (p. 154).

Uma das suas maiores contribuições para a paisagem do concelho foi a construção do grandioso trono na Quinta do Passal, em 1924, onde deixou a sua assinatura, ainda hoje visível: “A.O.F.G. 1924”. Demonstrando um espírito empreendedor, entre 1926 e 1927 investiu na instalação do gradeamento da Quinta do Passal e da Igreja de Santo André de Sobrado, deixando as siglas do seu nome “A.O.F.G.” e a data da sua colocação. Estas intervenções, além de refletirem o seu gosto pelo detalhe e pela arte, mostram o seu empenho na preservação do património local.

Nos anos seguintes, Alberto tornou-se um verdadeiro mecenas da região, apoiando financeiramente diversas iniciativas. Em 1934, enviou uma significativa contribuição à Associação dos Bombeiros Voluntários de Valongo para a conservação da sua sede e a reconstrução do teatro. Como ele mesmo escreveu em uma carta enviada a 6 de fevereiro de 1934, “Acuso recebimento da carta que muito Digna Direção me enviou e, na qual, incluía com bilhetes, na importância de 100\$00 escudos, sendo esta importância destinada à conservação do edifício da sua sede e obras de reconstrução do Teatro. Tenho o prazer, de remeter, junto a esta carta, essa quantia, com as minhas afetuosas saudações e fazendo votos pela prosperidade dessa Associação tão humanitária” (Li-

vro de Correspondência Expedida, 1930-1937). Em 1936, em outra carta, ofereceu “para tal fim a importância de Escudos-1:000\$00, com que abri a subscrição para essa eletrificação, e 22 postos de madeira e um de cimento” para a eletrificação da freguesia de Campo (Livro de Correspondência Expedida, 1930-1937).

O seu interesse pela comunidade não se limitava às grandes obras e investimentos. Era um homem próximo das pessoas, fotografando frequentemente os habitantes e os seus ofícios, num registo documental que perpetuou a memória e a identidade da região.

Nos últimos anos da sua vida, Alberto de Oliveira Freitas Guimarães retirou-se para a Quinta do Passal, onde continuou a acompanhar de perto a comunidade e os seus projetos. Faleceu no Porto a 13 de maio de 1962, mas o seu nome permanece como um dos grandes impulsionadores do



Um retrato de perfil em gesso realizado por Alberto Guimarães. (Foto do Fundo de Alberto Freitas Guimarães, cedida pelo Centro Português de Fotografia, primeira década do séc. XX)

contribuições. A sua visão, dedicação e investimento no bem-estar da comunidade fazem dele uma figura incontornável na história do concelho de Valongo, um verdadeiro empreendedor que deixou uma marca duradoura no território e na vida das pessoas que lá viveram.

progresso do concelho de Valongo. Embora o local da sua sepultura seja incerto, a sua vontade registada em jovem indicava que desejava descansar no jazigo de família em Sobrado. Como refere Alberto Araújo Lima (1984, p. 9), “considera-se provável que tenha ficado sepultado no Porto, pois não se encontra atualmente no jazigo de família em Sobrado, apesar de Alberto ter indicado que essa seria a sua vontade num rascunho de testamento que realizou enquanto jovem”.

O legado de Alberto estende-se muito para além das suas obras e



Festa de S. Gonçalo, com arraiá, procissão e decomposição (Foto do Fundo de Alberto Freitas Guimarães, cedida pelo Centro Português de Fotografia, primeira década do séc. XX)

Bibliografia

- Lamas, V. (2023) A família dos Viscondes Oliveira do Paço: uma (re)construção participada da memória. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto consultado a 1 de novembro de 2024 em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/154746/2/648931.pdf>

Resumo

O presente trabalho analisa a fotografia que tem vindo a ser considerada a mais antiga imagem da festa do São João de Sobrado, mais propriamente da Mouriscada. Tem-lhe sido atribuída uma cronologia associada a inícios do século passado, contudo, importa tentar perceber se se encaixa num tempo monárquico ou já na 1.ª República. Por outro lado, para contribuir para uma possível datação, é descrito o seu conteúdo, fazendo-se, inclusive, uma comparação com a atualidade. Da mesma forma, para se enquadrar a datação, aborda-se a biografia do autor, Alberto de Oliveira Freitas Guimarães, 2.º Visconde Oliveira do Paço. É, ainda, experimentada a IA (Inteligência Artificial), designadamente o ChatGPT, com o intuito de se perceber se de alguma forma pode contribuir para a datação da imagem.

A fotografia

Sabemos que as referências históricas escritas mais antigas sobre a festa do São João de Sobrado e sobre a sua Bugiada e Mouriscada são de 1867, precisamente do ano em que «uma importante figura da terra é o juiz da festa. Trata-se de António Martins de Oliveira que, em 1879, viria a ser o primeiro visconde de Oliveira do Paço» (MOREIRA, 2022, p. 86). Igualmente, sabemos que a fotografia mais antiga, que se conhece, é a que aqui se apresenta, na qual figuram os Mourisqueiros na festa, já numa altura do dia em que a tarde já ia longa (o sol já se encontra do lado poente) e com um cenário onde a igreja matriz de Santo André de Sobrado figura ao fundo.

A imagem original em suporte de chapa de vidro (negativo) pertence ao acervo fotográfico atribuído a Alberto de Oliveira Freitas Guimarães, 2.º Visconde Oliveira do Paço, curiosamente neto do referido juiz de 1867. Encontrou-se o acervo na Quinta do Passal, em Campo, até à viragem da primeira para a segunda década do presente século XXI. Pouco tempo depois chegaria ao Arquivo Histórico Municipal de Valongo por doação e, em 2012, é divulgada pela primeira vez. Posteriormente, foi sujeita, juntamente com o restante acervo, a um tratamento e digitalização por parte do Centro Português de Fotografia.

Analisemos o conteúdo da imagem.

Os Mourisqueiros:



Pormenor dos Mourisqueiros

- Ao centro encontramos os Mourisqueiros, em número muito inferior à atualidade (não se divisa mais de quatro pares), executando o rodízio (parte da dança);

- O Reimoeiro não dança e, ao que parece, fumando posa para a câmara (na atualidade tal não seria possível);

- Parece que todos usam barretina com espelhos e plumas e pelo menos, em alguns casos, com grandes fitas dependuradas na parte de trás (as fitas que agora são usadas não ultrapassam a base da barretina, à exceção da usada pelo Velho da Bugiada);

- Usam casaco (pelo menos em alguns com punhos decorativos), calça e camisa branca. Os tecidos não muito escuros da roupa exterior têm um padrão com riscas espaçadas. Um dos pares usa um padrão diferente na casaca e um desses elementos usa umas calças mais escuras sem padrão. Pelo menos mais dois outros Mourisqueiros usam calças sem padrão;

- Há o uso de botas e pelo menos o Reimoeiro usa socos (agora são usados sapatos escuros),

- Parece haver o uso de gravatas, como no caso do Reimoeiro, e pelo menos um Mourisqueiro usa laço (atualmente todos usam gravata);

- Usam lenço branco no espadim e neste exibem os doces brancos como que em jeito de troféu (em termos de performance, o único contacto que agora existe com os doces, para consumo imediato, é no momento da Dança do Doce);

- O Reimoeiro usa dragonas tal como ainda usa;

- Usam bandas (ainda que muito mais estreitas em relação ao que agora é usado) e no caso do Reimoeiro as bandas encontram-se cruzadas;

- Em relação à atualidade verifica-se a ausência de cordões dourados (no tronco) e de polainas e polainitos acima do calçado.

O enquadramento:

À volta dos Mourisqueiros encontra-se um cenário de arraial, sobre um chão com escassa vegetação rasteira, com tendas de vendeiros, forasteiros e, conforme acima refe-

rido, encontramos ao fundo a igreja matriz de Sobrado. Em todo o cenário verifica-se a existência de sobreiros. Quanto aos forasteiros, uns assistem à dança e outros encontram-se em trânsito. São homens na maioria.

Os Forasteiros:



Pormenor dos forasteiros

- Os homens usam chapéus de aba larga, fatos com colete, camisa e gravata;

- Há o uso de relógios de bolso e adornos no bolso esquerdo do casaco (ao que parece com flores);

- Pelo menos num caso há o uso de lenço branco a envolver a parte de trás do pescoço;

- Há o uso de varas (praticamente da altura de quem as usa) que se compreende numa altura de necessária condução de animais, bem como num contexto de autoproteção e que seriam usados em eventuais jogos do pau (componente que ainda existe na festa associada à Sapateirada/Dança do Cego com uma performance muito própria);

- Há o uso de botas, sapatos e parece que também socos;
- Nas poucas mulheres que se divisa há o uso de saias compridas até aos pés, de tecido com padrão, lenço na cabeça e blusa de mangas compridas;
- Para proteção dos raios solares verifica-se a existência de vários guarda-sóis individuais.

A Mouriscada:

Sobre esta fotografia, dada a inexistência de outras, da mesma altura e do mesmo autor, respeitantes à Bugiada, importa referir que a imagem encaixa numa maior valorização que era feita da Mouriscada, inclusive, nos inícios do século passado. A Mouriscada tinha mais prestígio. Pois, era

representativa de uma faceta mais bem vista da festa, uma faceta mais querida e mais falada. A faceta dos jovens aprumados, sóbrios, alinhados e certinhos, não deixando, contudo, de ser representativa de toda a festa, tal como, posteriormente, a designação Bugiada passaria a ser, igualmente, representativa de toda a manifestação cultural realizada, em dia de S. João, em Sobrado (MOREIRA, 2024, p. 72).

Alberto de Oliveira Freitas Guimarães, o autor

Ao 2.º Visconde de Oliveira do Paço, Alberto de Oliveira Freitas Guimarães, é atribuída a autoria da fotografia mais antiga da festa onde se encontram os Mourisqueiros, bem como a de todo o acervo fotográfico da qual esta imagem faz parte. O conjunto fotográfico do acervo, na sua maioria constituído por negativos em vidro¹, é revelador de uma grande ligação de Alberto a Campo e também a Sobrado, tendo em conta o teor de muitas das imagens.

Alberto nasceu a 14 de agosto de 1882 no Porto, onde viria a falecer a 13 de maio de 1962. É filho de Maria

Ferreira Oliveira, filha mais velha do 1.º Visconde de Oliveira do Paço, António Martins de Oliveira, de Sobrado, sendo o neto mais velho deste visconde. Por esta via e porque este 1.º Visconde não teve filhos homens viria a ser atribuído, a Alberto, em tempo republicano o título de «2º Visconde de Oliveira do Paço por Autorização Régia de El-Rei o Senhor D. Manuel II e Alvará do Conselho de Nobreza de 29-11-1946» (LIMA, 1984, p. 9). Os seus pais, a mencionada Maria e Manuel Ferreira de Freitas Guimarães, construíram a Quinta do Passal, datada de 1900, frente à igreja de Campo, pelo que Alberto viria a ser senhor desta quinta, onde passaria muito do seu tempo. Igualmente, tinha ligações a Sobrado devido às suas relações familiares.

Alberto de Oliveira Freitas Guimarães

tinha uma paixão enorme pelas artes, principalmente por escultura. A onze de novembro de 1900, com 18 anos, matriculou-se na antiga Academia Portuense de Belas Artes, onde estudou até vinte e oito de junho de 1909. Quase dez anos de estudo. [...] Esta época da vida de Alberto parece ter sido de descobrimento da sua paixão, para além da escultura [...], também pela pintura e pela fotografia (LAMAS, 2023, pp. 45, 46).

De facto, Alberto,

foi aluno de pintura e escultura e terminou o curso com louvor, tendo tido como professor o mestre Teixeira Lopes. [...] Em 1901, a revista mensal “Luz e Sombra” [Sombra e Luz] publica o cliché “A malha dos feijões”, de Alberto d’Oliveira Guimarães, sendo que nos seus clichés, há uma imagem sobre uma distinção de medalha de prata, num concurso fotográfico da “Luz e Sombra” [Sombra e Luz] de 1901 (CPE, 2023 [2017]).

A datação da fotografia

Conforme acima referido a primeira divulgação²

da fotografia ocorreu, em 2012, a 21 junho, na então página do Facebook do Arquivo Histórico de Valongo (a página viria a ser substituída), e da seguinte forma:

Recuperado um pedaço da história da festa do S. João de Sobrado.

Trata-se de uma imagem inédita, sem dúvida mais antiga que a conhecida de 1932, de Rodney Gallop. Pode ter 100 anos ou mais. São visíveis Mourisqueiros rodeados de forasteiros. A imagem que aqui se apresenta, foi obtida por digitalização caseira (e sem tratamento)³ a partir de um negativo em vidro recentemente incorporado no Arquivo Histórico Municipal Valongo, por doação de Carina Nunes Paupério. Faz parte este negativo do conjunto fotográfico que pertenceu ao 2.º visconde de Oliveira do Paço, Alberto de Oliveira Freitas Guimarães, senhor que foi da Quinta do Passal, na freguesia de Campo (MOREIRA, 2012).

Ou seja, em 2012, já se afirmava que tinha 100 anos ou mais, como que tentando-se puxar a datação para a primeira década do século passado.

Por outro lado, conforme acima verificamos, já, em 1900, Alberto era um interessado pelas artes e no ano seguinte já publicava trabalhos fotográficos e participava em concursos da área.

Sendo assim, Alberto fez fotografia, pelo menos, a partir do início da primeira década de novecentos. Igualmente, as vestes dos forasteiros presentes no São João de Sobrado remetem-nos para um período anterior à implantação da república, pelo que tendemos a afirmar que a fotografia aqui analisada será de um período monárquico, contudo, não podemos descartar totalmente a hipótese de que possa só ter sido obtida em tempo republicano⁴.

Embora a IA, seja considerada, pela especialista Virgínia Dignum, «um carro sem travões, guiado sem carta de condução, numa rua sem sinais» (CORREIA, 2025) e que acrescentamos que parece comportar-se como alguém que gosta de falar de tudo e sobre tudo, mesmo que não saiba do que está a falar e diga muitas asneiras e invente, resolvemos utilizá-la e experimentá-la com o intuito de perceber se tal facilitaria a análise e até mesmo se conseguia dar-nos uma datação mais apertada. Contudo, a IA (ChatGPT), não acrescentou muito ao que já se pensava sobre a fotografia. No entanto, surpreendeu. É curioso observar que detetou: tratar-se de um negativo em vidro; ter ao centro da imagem um grupo executando um ritual performativo festivo e tradicional; assinalou a presença de tendas e guarda-sóis; reconheceu os trajes usados, tendo separado entre os da assistência e os do grupo performativo. Conseguiu, ainda, estreitar o período de datação entre 1900 e 1915.



¹ A quantidade total é de aproximadamente 700 fotografias, das quais cerca de 450 são em negativos de vidro.

² Divulgação na qual nos encontramos envolvidos.

³ A imagem, posteriormente, viria a ser captada com melhor qualidade, mesmo antes da digitalização por parte do Centro Português de Fotografia.

⁴ Algumas das fotografias do mesmo acervo, como, por exemplo, da torre da igreja de Campo, em construção, levam-nos para um período já posterior à implantação da República, pois na torre encontra-se inscrita a data de 1915. A igreja havia sido inaugurada em julho de 1910.

Segue o que disse o ChatGPT sobre o assunto, em conversa realizada a 12 de fevereiro de 2025:

«ChatGPT [questão automática associada a um ícone]

Consegues determinar de que década é uma foto se a partilhar contigo? Se precisares de mais informações, faz-me outras perguntas ou pede-me para enviar um ficheiro ou imagem.

Dito pelo ChatGPT:

Sim, posso tentar determinar a década da foto com base em elementos como moda, tecnologia, qualidade da imagem e contexto. Envia a imagem, e se precisar de mais detalhes, faço-te perguntas específicas!

Dito por si:

[É efetuado o upload da imagem]

Dito pelo ChatGPT:

A imagem parece ser uma fotografia antiga, possivelmente tirada com uma câmara de placa de vidro ou filme de nitrato, dado o seu contraste, vinhetagem e as bordas irregulares. Com base nesses elementos, a foto pode ser do final do século XIX ou início do século XX, possivelmente entre as décadas de 1880 e 1920.

Para uma análise mais precisa, posso melhorar o contraste ou tentar identificar mais detalhes. Queres que eu processe a imagem para obter mais informações?

Dito por si:

Sim

Dito pelo ChatGPT:

Vou processar a imagem para melhorar o contraste e tentar identificar mais detalhes. Um momento.

Houve um problema ao melhorar o contraste da imagem, possivelmente devido ao formato da imagem. Vou converter a imagem para um modo adequado e tentar novamente.

[Apresenta a imagem original e uma outra com o contraste mais definido]

Aqui está a imagem original e a versão com contraste aprimorado. Com essa melhoria, dá para perceber mais detalhes, como os trajes dos indivíduos e os elementos da fotografia.

A foto parece ser de um evento cultural ou ritual, e com base no estilo da fotografia, bordas danificadas e a vestimenta das pessoas, eu diria que foi tirada entre o final do século XIX e o início do século XX, possivelmente entre 1890 e 1920.

Se quiser, posso tentar identificar elementos específicos, como trajes, objetos ou contexto histórico. O que achas?

Dito por si:

Sim, por favor

Dito pelo ChatGPT:

Vou analisar alguns elementos específicos da foto para tentar identificar melhor o contexto histórico e cultural. Aqui estão algumas observações iniciais:

1. Tecnologia fotográfica

A aparência da foto, com bordas irregulares e tonalidade, sugere que foi tirada com uma câmara de placa de vidro ou filme de nitrato.

Isso era comum entre o final do século XIX e o início do século XX.

2. Vestuário e acessórios

Os homens à esquerda parecem estar ves-

tindo ternos formais, comuns no final do século XIX e início do século XX.

O grupo central usa trajes listrados com adereços na cabeça, possivelmente representando uma dança cerimonial ou um evento festivo.

Alguns seguram lenços brancos, talvez parte da performance.

3. Contexto cultural

A presença de roupas formais e trajes cerimoniais sugere uma celebração ou evento tradicional.

O cenário ao ar livre, com tendas e pessoas segurando guarda-sóis, reforça essa ideia.

Se quiser, posso aprimorar ainda mais a imagem para tentar identificar detalhes nos rostos, nas roupas ou em elementos de fundo. Ou então, se souber algo sobre a origem da foto, posso tentar conectar com eventos históricos específicos. O que achas?

Dito por si:

Sim, por favor

Dito pelo ChatGPT:

[Apresenta, novamente, a imagem com melhor contraste e nitidez]

Aqui está a imagem com contraste e nitidez aprimorados. Agora é possível ver melhor os detalhes dos trajes, os rostos e elementos no fundo.

Com essa melhoria, noto que:

Os indivíduos no centro parecem usar trajes tradicionais com padrões listrados e chapéus ornamentados.

O formato dos chapéus e os adereços po-

dem indicar uma dança ou ritual específico.

Algumas pessoas ao redor usam roupas formais típicas de finais do século XIX e início do XX, sugerindo que esta pode ser uma celebração tradicional registrada por um fotógrafo da época.

Se tiveres alguma informação sobre a origem da foto (como local ou cultura), posso tentar relacionar com eventos históricos. O que achas?

Dito por si:

De facto os indivíduos ao centro executam uma performance tradicional, em dia de São João. Mas através das vestes das pessoas que se encontram ao redor será possível datar a fotografia com mais precisão?

Dito pelo ChatGPT:

Ótima observação! Como se trata de uma performance tradicional no dia de São João, podemos focar na vestimenta das pessoas ao redor para refinar a datação da fotografia.

Elementos que ajudam na datação:

Trajés formais dos homens ao redor

Vemos homens vestindo ternos escuros, coletes e chapéus, que eram comuns no final do século XIX e início do século XX.

O corte dos ternos, o uso de gravatas finas e a combinação de colete com relógios de bolso indicam uma moda próxima de 1890-1920.

Os chapéus parecem ser do tipo derby (coco) e fedora, populares nessa época.

Mulheres e acessórios

Algumas pessoas seguram guarda-sóis, um acessório típico de eventos ao ar livre no final

do século XIX e início do XX.

O guarda-sol reforça a ideia de um evento formal, pois era muito usado por mulheres da elite até por volta de 1920.

Qualidade da fotografia

A técnica usada e as bordas irregulares sugerem um negativo de vidro ou filme de nitrato, comum até meados da década de 1910-1920.

Conclusão

Com base nesses elementos, a fotografia provavelmente foi tirada entre 1890 e 1915, sendo mais provável que pertença à primeira década do século XX.

Se quiseres, posso continuar analisando mais detalhes ou buscar referências sobre celebrações de São João nessa época. O que achas?

Dito por si:

Sim, por favor!

Dito pelo ChatGPT:

[apresenta duas imagens a preto e branco, muito provavelmente da segunda metade do século XX e outras duas a cores, uma das marchas do Santo António de Lisboa e outra da dança do Rei David do São João de Braga,

ambas provavelmente já deste século]

Com base nas informações fornecidas e na análise da fotografia, é possível refinar a datação da imagem. As celebrações de São João em Portugal têm uma longa tradição, com registros que remontam ao século XIV.

O Cidadão [Aqui, através de uma hiperligação, indica que usa como fonte o site: https://ocidadao.pt/sao-joao-do-porto-a-festa-de-cariz-popular-e-origem-paga/?utm_source=chatgpt.com]

A moda masculina entre 1890 e 1915 incluía ternos de três peças com colete, calças de cintura alta e chapéus como o derby (coco) e o fedora. As mulheres usavam vestidos longos com mangas compridas e chapéus adornados. Esses estilos são consistentes com os observados na fotografia.

Considerando a qualidade da imagem e os trajes das pessoas ao redor, é provável que a fotografia tenha sido tirada entre 1900 e 1915. Para uma datação mais precisa, seria necessário um exame mais detalhado dos elementos presentes na imagem ou informações adicionais sobre o contexto da fotografia».

Bibliografia

- CORREIA, André Manuel (16 de Janeiro de 2025). "A IA é um carro sem travões, guiado sem carta de condução, numa rua sem sinais", alerta a especialista portuguesa Virginia Dignum. *Expresso*. Obtido em 14 de Fevereiro de 2025, de <https://expresso.pt/semanario/revista-el-e/2025-01-16-a-ia-e-um-carro-sem-travoes-guiado-sem-carta-de-conducao-numa-rua-sem-sinais-alerta-a-especialista-portuguesa-virginia-dignum-9e6b8767>
- CPF (2023 [2017]). Obtido de Centro Português de Fotografia: <https://digitarq.cpf.arquivos.pt/details?id=1246871>
- LAMAS, Vera Carolina (2023). *A família dos Viscondes Oliveira do Paço: uma (re)construção participada da memória*. Porto: Autora/Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- LIMA, Alberto Araújo (1984). *A Família dos Viscondes de Oliveira do Paço: Apontamentos Genealógicos*. Porto: Tipografia da Oficina de S.José.
- MOREIRA, Paulo Caetano (21 de Junho de 2012). Recuperado um pedaço da história da festa do S. João de Sobrado. *Facebook (substituído) do Arquivo Histórico Municipal de Valongo*. Valongo, Porto, Portugal: Câmara Municipal de Valongo.
- MOREIRA, Paulo Caetano (2022). São João de Sobrado: Espaços de Interpretação, Identidade, Comunidade e Instituições Representativas. *Festividades, Culturas e Comunidades: Património e Sustentabilidade*, pp. 85-95. Braga: UMinho Editora, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.
- MOREIRA, Paulo Caetano (21 de Dezembro de 2024). Bugiada e Mouriscada fora de Portas e algumas designações. *Lavra da Praça. Revista Cultural Festa da Bugiada e Mouriscada(I)*, pp. 68-72. Obtido de https://saojoaodesobrado.pt/media/fyrb1n10/lavra_da_prac-a_tomo_1-2.pdf



Mourisqueiro na atualidade (Foto de Hugo Carneiro, 2024)



Semblante austero e aguçado dos Mourisqueiros (foto de André Ferreira, 2018)

Joaquim Chicória

Autor do Hino São João de Sobrado

Nuno Alexandre Ferreira

Nos finais do séc. XIX, a 25 de dezembro de 1875, em S. João de Caldas de Vizela, no lugar da Ponte, nasceu Joaquim Costa, que ficaria conhecido por Joaquim Chicória, ou simplesmente Chicória, em alusão à Banda dos Bombeiros Voluntários de Vizela “os chicórias”.

Era filho de António da Costa, alfaiate, e de Josefa Rosa Salgado, costureira e doméstica. Tendo por base a profissão dos pais, esperava-se que Chicória, tal como se sucedeu com os irmãos, seguiria a vida profissional da família. De facto, exerceu a profissão do pai mas apenas por alguns anos, uma vez que a sua sensibilidade musical e artística, fê-lo seguir outros voos. A arte dos sons dominava-o e abria-lhe mundos de melodias que ele deixou registados em magistrais obras.

Alberto Vieira Braga referiu que “*Vivendo, menino e moço, num ambiente familiar todo cheio de atractivos e paixões musicais, fãcilmente encontrou, por intuição e espiritual deleite, o fio da sua carreira orientadora, entrando afoito e persistentemente na prática da divina arte, ultrapassando em méritos, os seus avoengos, pelo sentido impulsivo da inclinação e do estudo, compondo e musicando fãcil e competentemente as mais diversas e variadas partituras. Não frequentou Conservatórios, e tendo apenas exame de instrução primária, para fazer da sua arte modo de vida, obteve a carta de regente e compositor no Conservatório Nacional de Música. A sua actividade profissional tornou-se intensa e verdadeiramente assombrosa. Dirigiu vários conjuntos instrumentais, entre eles as bandas de Lousada, Riba Tua e Vizela.*”

Exímio cornetim, tocava, porém, quase todos os instrumentos, chegando a fazer parte de várias orquestras dos teatros de Lisboa e Porto. O seu extenso arquivo musical, enriquecido com as melhores obras da sua autoria, em arranjos, pasodobles, mazurcas, valsas, e harmonizações de alto merecimento, encontra-se em poder da banda dos Bombeiros Voluntários de Vizela (Chicórias) e dos

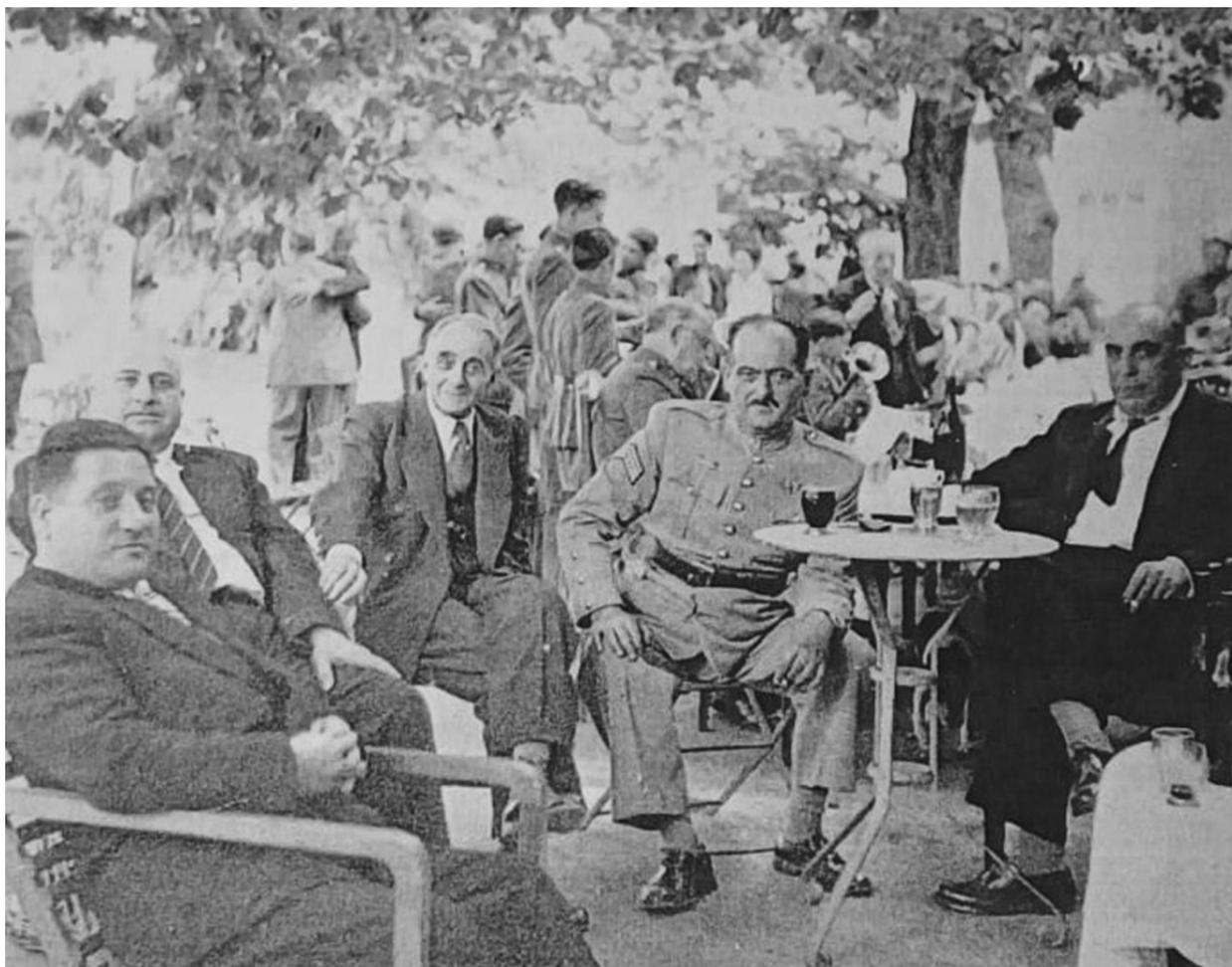
dois filhos do maestro vizelense, ambos primeiros-sargentos músicos. Muitas das suas festejadas composições, andam espalhadas por todo o País, nos agrupamentos páisanos e regimentais. Da sua fecunda, vastíssima e inspirada obra musical, de grande êxito, pela probidade, competência e beleza de harmonização, podemos contar: para cima de 200 marchas, 19 rapsódias, algumas marchas fúnebres e inúmeras-. fantasias, sinfonias, hinos e pequenas composições (1).”

Casou aos 22 anos, mas sua vida familiar foi sinónima de muita privação e sofrimento, uma vez que teve vinte filhos mas apenas nove “vingaram” e a sua esposa, sofrendo de doença, lhe condicionou nas composições alegres. Por isso, da sua música, brota a nostalgia, a saudade, até resquícios de dor. Após o falecimento da sua primeira esposa, compôs a peça “O Abandonado”. E saiu de Vizela, andando por Lousada, Paredes, Freamunde, Penafiel, Felgueiras, Bragança, deixando músicas por onde passava.

Regeu bandas marciais, deu vários concertos em Espanha, tendo tocado em vários teatros de Lisboa



J. Costa Chicória e o filho mais velho Agostinho da Costa (Foto Philarmónicas em Vizela, 1946)



e Porto, bem assim como na Banda dos Bombeiros Voluntários do Porto, onde foi um dos primeiros executantes. Por volta de 1911, o Mestre Chicória, dedicou-se à composição. Eis a longa lista das suas obras:

- Marchas: 400;
- Fantasias: 40;
- Overtures: 5;
- Sinfonias: 20;
- Rapsódias: 17;
- Valsas: 40;
- Obras diversas: 50;
- Marchas fúnebres: 8.
- Mais de 300 composições várias.

Estes números aproximados foram transmitidos pela família do Chicória a Júlio Damas para o Jornal Notícias de Guimarães, numa notícia publicada a 10 de maio de 1953. O autor deste ar-

tigo referiu ainda que *“em amena cavaqueira, lhe perguntei: — Então, Mestre, quantos números de música já escreveu? Então, Mestre Chicória, num olhar vago e um sorrisinho travesso, respondia-me invariavelmente: — Para que quer saber?! ... Olhe, são tantas que já lhe não sei a conta. E mudava o rumo à conversa.”*

De uma criatividade muito fecunda, tudo lhe servia de mote de inspiração. No entanto, foi na Lameira, no rio Vizela e no parque, e no Jardim, que encontrou a inspiração mais feliz da qual saíram belíssimas peças, algumas de muito difícil execução.

Na Praça da República brotaram-lhe de modo especial as marchas e as rapsódias. Numa e noutra expressão, sempre que havia “combates” a banda do Chicória era o terror das concorrentes. Intitularam-no de “o rei das marchas”.

Pedro Marquês de Souza, na sua biografia sobre o Mestre Chicória, escreveu que *“Segundo o maestro Ribeiro da Silva e o Costa Vieira, as suas músicas eram inconfundíveis e únicas. Tanto um como outro, são categóricos em afirmar que, mesmo ouvindo-se ao longe, logo os conhecidos diziam: são músicas do compositor Chicória. Nelas, e segundo Ribeiro da Silva, havia a particularidade do recurso aos bemóis os quais dão às músicas uma tonalidade suave, doce, ao contrário da agressividade dos sustenidos.”* Mencionou ainda que *“Um seu amigo, numa festa de aniversário, disse isto do compositor Chicória, comparando-o a Beethoven, Schubert, Grieg e Hayden: Chicória vive simplesmente, esquecido dos Vizelenses... Nas suas magníficas obras, existe sempre uma acentuada inclinação para os tons menores, parecendo adivinhar-se, será até o justo termo, em cada compasso um grito doloroso de um grande e longínquo amor perdido ou a mágoa sentida e reconhecida da ingratidão dos seus conterrâneos.”*

O Mestre Joaquim da Costa “Chicória”, depois de uma vida intensa, inquietante, atribulada e incompreendida faleceu em Vizela, em 23 de março de 1951, contando 75 anos. Faleceu desconhecido e ignorado pela população de Vizela que, nas palavras de Pedro Marquês de Souza, era *“alheia ao inestimável valor que perdia. Sepultado no dia seguinte, no cemitério de S. Miguel onde já nem a sua campa existe, a banda velha, no acompanhamento, tocou a marcha fúnebre “Descanse em Paz”. Quando o corpo descia à terra, foi dos músicos tal a emoção que a banda “caiu”, isto é, não se aguentou a tocar a marcha fúnebre. E só um deles, o célebre Tião, com as lágrimas a correrem-lhe pelo rosto abaixo, se aguentou firme, tocando o seu saxofone.”*

Compreende-se, portanto, que apesar da apatia e insensibilidade da plebe, os companheiros músicos de “Chicória” tiveram a plena noção que a morte deste artista era uma perda irreparável para Vizela, para as terras onde ele “deambulou” e entregou parte do seu génio, bem como para a música portuguesa.

Na cópia da partitura do “Hino de São João de Sobrado”, datada de 1950 e feita por Adelino Teixeira Ferreira, é mencionado que esta música, denominada de “Recordação ao S. João” é uma marcha de Joaquim da Costa. Pensa-se que terá sido copiada de uma outra proveniente da Banda de Baltar. Desconhece-se se alguma vez o “Mestre Chicória” terá visitado Sobrado ou se terá tocado na Bugiada e Mouriscada. Não se sabe também se esta marcha foi feita propositadamente para a Bugiada e Mouriscada ou se foi usada pela Banda de Baltar uma vez que se trata de uma marcha de S. João.



Mestre Chicória (Philarmónicas em Vizela, 1928)

ter sido neste período que a música tenha sido criada ou transmitida à Banda de Baltar, não se podendo afirmar com exatidão esta afirmação.

Outra curiosidade que fica por resolver e tantas vezes é questionada, é a similaridade do “Hino São João de Sobrado” com o “hino do São João de Braga” e até de outros hinos de outras terras. O que se sabe é que, como nos refere Rui Ferreira, na sua tese de mestrado sobre *As Festas de São João em Braga- Raízes, história e potencial turístico, foi “elaborado um hino do São João de Braga, que supomos ser a mesma peça musical encomendada para as festas de 1909 ao maestro Souza Marques e interpretado, pela primeira vez, no certamen musical do Passeio Público. Este hino continua a ser a composição mais popular das festas da cidade de Braga, sendo melodia interpretada pelas filarmóni-*



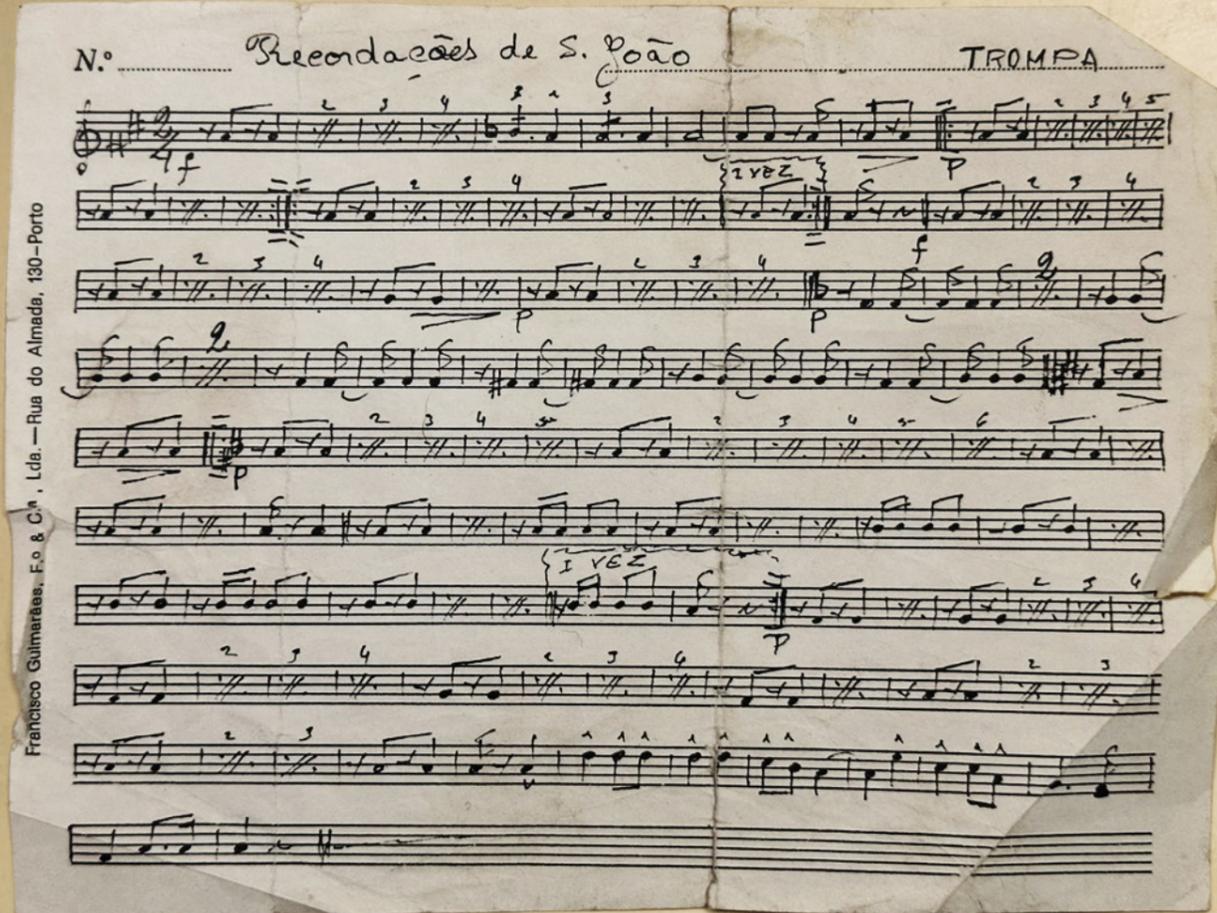
Joaquim da Costa Chicória (Philarmónicas em Vizela, notícia de 1947)

cas e pelos diversos grupos etnográficos durante os principais dias de festa.” Considera-se que, este hino era popular nas redondezas e uma vez que Vizela é tão próximo de Braga e a freguesia onde nasceu Chicória também é devota do São João, que é seu padroeiro, poderá haver relação nesse sentido. Será que a marcha do São João de Sobrado se inspirou na de Braga, ou poderá ter sido o contrário? Uma pergunta que poderia ser respondida caso se descobrisse a origem ou gênese da marcha de Sobrado ou alguma partitura que possa existir em arquivo da família ou das instituições musicais a que o mestre Chicória pertenceu ou teve relação.

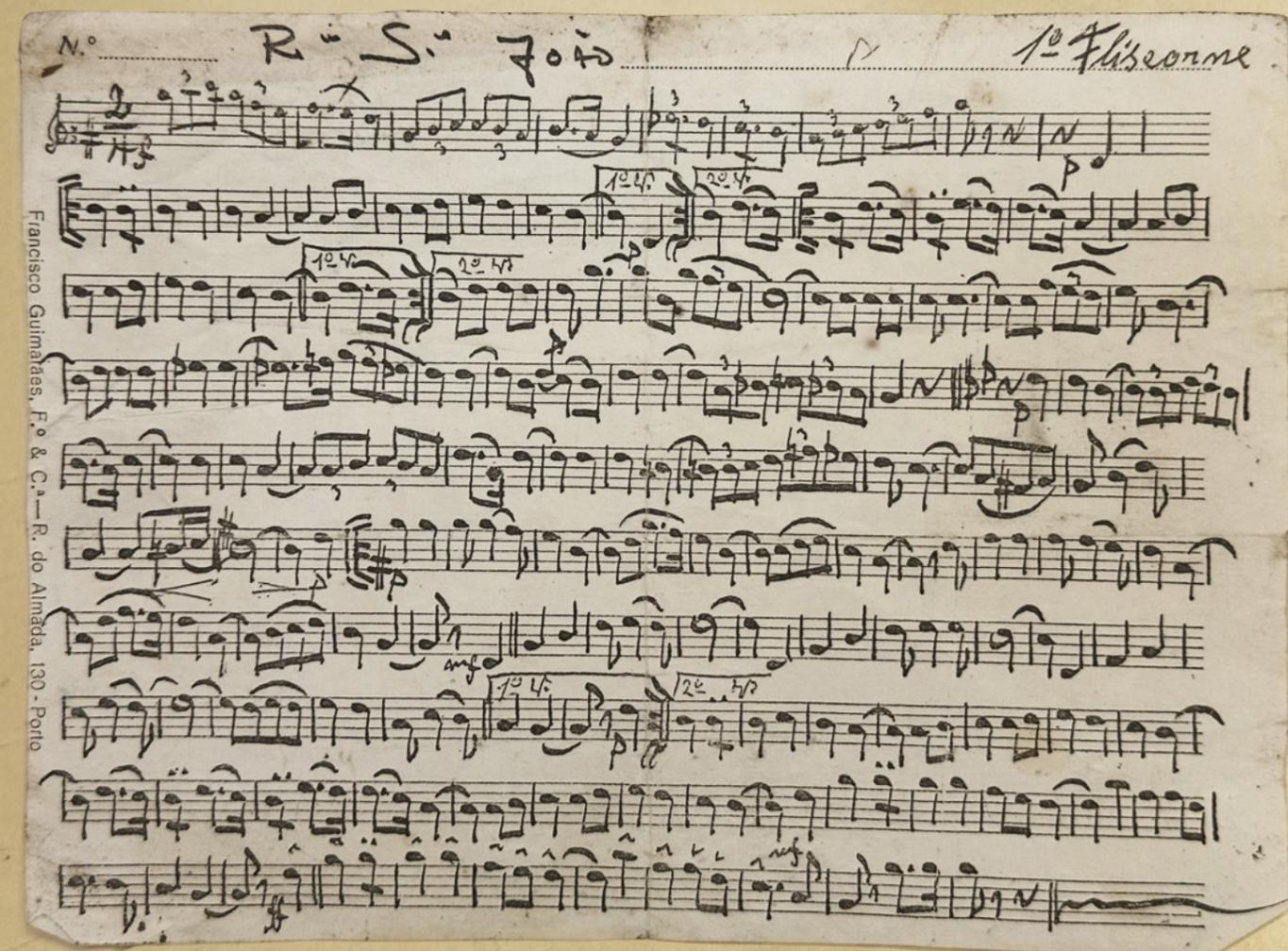
Importante e fundamental é o reconhecimento do génio deste artista bem como a autoria e conexão deste artista ao “Hino do São João de Sobrado”.

Bibliografia

- BRAGA, Alberto Vieira, Curiosidades de Guimarães. XVII Jurisdições e Padroados. Capelas de música. O coro da Colegiada e do Convento da Costa. Revista de Guimarães, 67 (3-4) Jul.-Dez. 1957, p. 269-371
- Ferreira, R. (2013) *As Festas de São João em Braga- Raízes, história e potencial turístico*. Braga: Universidade do Minho. Tese de mestrado consultada em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/28271/1/ruiferreiraPG18738.pdf> f, a 1 de fevereiro de 2025
- Notícias de Guimarães (1953) Mestre Chicória por Júlio Damas. Guimarães: Notícias de Guimarães, acessido a 1 de fevereiro de 2025 em <https://www.csarmento.uminho.pt/site/files/original/640deff3b11537c43493db00b78cd6bdf7d8cfcf.pdf>
- MPART- Joaquim da Costa Chicória. Aveiro: Departamento de Comunicação e Arte Universidade de Aveiro, acessido a 1 de fevereiro de 2025 em <https://anossamusica.web.ua.pt/esprofile.php?esid=13743>



Francisco Guimarães, F.º & C.ª, Lda. — Rua do Almada, 130 — Porto



Francisco Guimarães, F.º & C.ª — R. do Almada, 130 — Porto

Partituras do Hino de S. João de Sobrado pertencentes à Banda de Baltar (Fotos de Fábio Macedo, 2024)

Partitura

Hino São João de Sobrado

Nuno Alexandre Ferreira

Existem melodias que preenchem a alma. O Hino de São João de Sobrado é uma harmonia alegre, em forma de marcha, que tem a sublime capacidade de despertar a atenção de todos aqueles que a escutam.

Esta música é associada à Banda de Música de S. Martinho de Campo, uma vez que nas últimas décadas, tem sido esta a banda a participar, em exclusivo, na Bugiada e Mouriscada, conduzindo Bugios e Mourisqueiros em várias danças, ao longo do dia 24 de junho.

O “Hino de São João de Sobrado”, é uma marcha que se chama “S. João” ou “Recordação a S. João” e foi criada por Joaquim Costa “Chicória”, músico natural de Vizela. Desconhece-se a inspiração para a concepção desta obra por parte do mestre Chicória, bem como quando passou a ser tocada na Bugiada e Mouriscada, acreditando-se que terá sido nos inícios do séc. XX.

É possível que a Banda de Baltar tenha sido a precursora da utilização desta marcha, que não é exclusiva de Sobrado.

Até ao momento, não foi encontrada a partitura original desta música, acreditando-se que esteja ao cuidado de Renato Chicória, no seu arquivo particular, uma vez que é um dos herdeiros do músico.

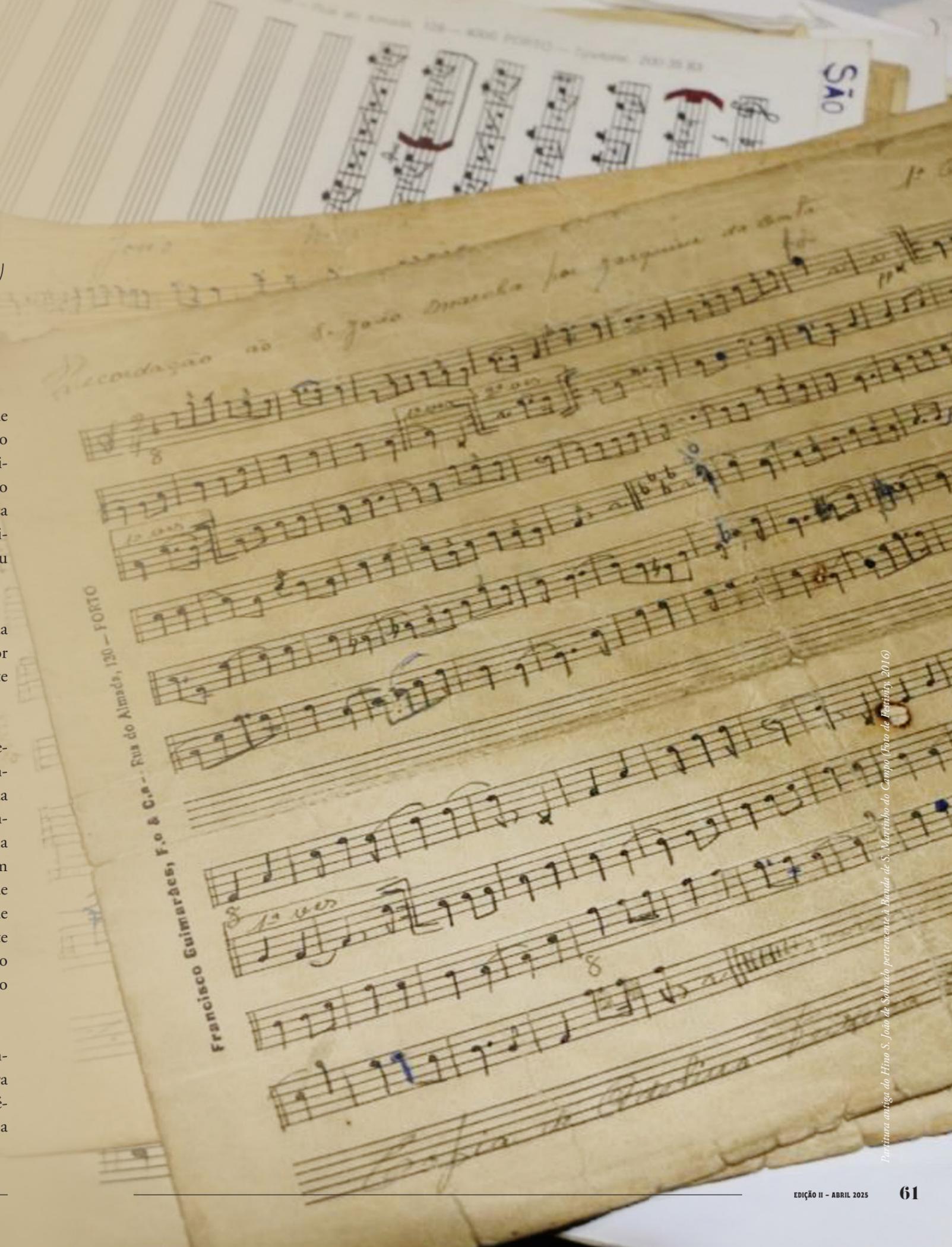
Sabe-se, entretanto, que as bandas de Cete e Vilela, tocaram na festa, nos anos 40 e 50, pressupondo-se que tenham também acompanhado Bugios e Mourisqueiros ao som desta música.

A tradição oral no seio da Banda de Baltar, refere que foi pedida a Adão Cabaço a partitura do hino “São João de Sobrado” e que este, na sua boa-fé, terá cedido a partitura aos músicos da Banda de S. Martinho de Campo e que após este momento, Baltar nunca mais tocou no São João de Sobrado. Este acontecimento poderá ter ocorrido em finais dos anos 40 ou inícios dos anos 50.

De facto, a autoria desta marcha é de Joaquim da Costa (conhecido por “Chicória”) e foi copiada por Adelino Teixeira Ferreira, em 1950, celebrando neste ano de 2025, 75 anos de existência.

Uma das histórias associadas a esta música, foi a recusa dos Bugios, em 1951 ou 1953, em iniciar a dança de entrada. Segundo a tradição popular, a Banda de S. Martinho de Campo, tocou o hino, conduzindo os Mourisqueiros, enquanto a Banda de Vilela conduziria os Bugios. Como os Bugios acharam que a interpretação musical do hino pela Banda de Vilela não era a que mais apreciavam, uma vez que preferiam a Banda de Campo, não dançaram neste momento, até que a Banda de Campo, executou o hino. A partir deste momento, a Banda de Campo assumiu, por exclusivo, a participação na festa.

A Banda de S. Martinho de Campo, sabendo da importância deste hino para as gentes de Sobrado e para a Bugiada e Mouriscada, tem preservado com indelével cuidado, a “primeira” partitura, salvaguardando-a para memória futura.



Baltar

A Primeira Banda do São João

Nuno Alexandre Ferreira

A Banda União Musical de Baltar, atualmente Associação Cultural e Musical de Baltar, foi criada, pelos habitantes locais, a 1 de novembro de 1860, celebrando neste ano 165 anos de existência.

Da sua ligação à festa de São João de Sobrado, pouco se sabe, contudo, crê-se que esta possa ter participado na festa entre finais do séc. XIX e meados do séc. XX.

Porque tocava no São João? O concelho de Valongo tem duas Bandas de Música, a de Campo e de Alfena, mas ambas criadas já no séc. XX. Devido à inexistência de bandas de música em Valongo e pela proximidade geográfica, é provável que esse tivesse sido o motivo da Banda de Baltar ter participado na Bugiada e Mouriscada.

No Concelho de Paredes sobressaíram-se, ao longo dos tempos, três bandas musicais: Cete (criada em 1835), Vilela e Baltar (ambas criadas em 1860).

Desconhece-se quando terá começado, mas seguramente só depois de 1860. E antes desta data? Terá havido outras Bandas (Cete?) ou não havia acompanhamento musical na festa? Estas questões certamente serão mais difíceis de responder, mas são de extrema importância para se perceber como era a festa neste período.

António Martins da Costa Rangel, no livro “Teatro Popular Português- Entre Douro e Minho” da autoria de Azinhal Abelho, publicado em 1970, referiu, na sua descrição sobre a festa, que “A banda executa então uma pequena marcha, conhecida pelo nome de «São João de Sobrado», partitura muito antiga e que até ao presente, tem sido exclusivo das bandas de S. Martinho de Campo de Valongo e de Baltar. (...) Quando tentei gravar esta marcha logo o mestre me pediu que lhe promettesse que a não deixaria copiar.” Paulo Lima, na sua página “Unidade de Paisagem 8”, nas redes sociais, também referiu, em 2014, que

“A Banda Musical de São Martinho, de Campo, é uma das peças fundamentais das Festas de São João de Sobrado. No passado, a Banda Musical de Baltar também acompanhava estas festas.”

Estas são as únicas duas referências conhecidas à participação da Banda de Baltar na festa de São João de Sobrado.

Em meados da década de 30, do séc. XX, Alcino Coelho de Sousa, assumiu a direção da Banda de Baltar, sabendo-se ainda que, vinte anos depois, na década de 50, a banda se tenha desintegrado. Terá sido neste período, em finais dos anos 40, que as Bandas de Vilela, Cete e posteriormente a de S. Martinho de Campo, terão substituído a Banda de Baltar no acompanhamento musical da Bugiada e Mouriscada.



Alcino Coelho de Sousa (foto cedida pela Banda de Baltar, data desconhecida)

A tradição oral no seio da Banda de Baltar, refere que foi pedida a Adão Cabaço a partitura do hino “São João de Sobrado” e que na sua boa-fé terá cedido aos músicos da Banda de S. Martinho de Campo e que após este momento nunca mais tocaram no São João de Sobrado. Este acontecimento poderá ter ocorrido em finais dos anos 40 ou inícios dos anos 50. De facto, a autoria desta marcha é de Joaquim da Costa (possivelmente Joaquim Costa Chicória) e foi copiada por Adelino Teixeira Ferreira, em 1953, contudo duas bandas antecederam a de S. Martinho na Bugiada e Mouriscada de Sobrado, o que pode refletir a decaída sofrida pela Banda de Baltar nos anos 50.

Apesar de alguns anos de interregno e até enfraquecimento, em 1989, Fernando de Freitas Nogueira reergueu a Banda de Baltar, agora com a designação de Associação Cultural e Musical de Baltar.

Em 2017, nas comemorações dos 157 anos da Associação Cultural e Musical de Baltar, a banda passou para a nova sede localizada na antiga Escola Primária de Baltar, e, três anos depois, a 5 de outubro de 2020, ocorreu a celebração dos 160 anos da fundação de tão importante instituição musical do concelho de Paredes.

A Banda de Baltar, pela história e tradição associada, ainda que não participe atualmente na Bugiada e Mouriscada, terá sempre o seu lugar nas páginas da memória da festa de São João de Sobrado.



Logótipo da Banda (foto cedida pela Banda de Baltar)



A Banda (foto de Baltar de Paredes)



Uma legação para o futuro (Foto de Fábio Macedo, 2025)



Património da Bugiada e Mouriscada

Património material

Nuno Alexandre Ferreira

Sobrado ergue-se como um relicário onde o tempo se entrelaça com a história, e o passado se faz presente em cada pedra, em cada rua, em cada murmúrio do vento. Aqui, o espírito rural, religioso e agrícola perdura, refletindo-se no património construído que as gerações de outrora nos legaram com mãos sábias e corações dedicados. Cabe-nos, agora, a nobre missão de o preservar e enriquecer, para que o futuro possa sentir o eco vibrante das tradições que nos definem.

Os monumentos e espaços que marcam esta terra não são meros vestígios de um tempo ido, mas sim testemunhas vivas da essência cultural de Sobrado. Entre eles, a Igreja Matriz, a Residência Paroquial e o Largo do Passal surgem como pilares de uma identidade enraizada na devoção e na memória coletiva. Contudo, a alma deste património vai muito além das suas pedras e alicerces.

A Bugiada e Mouriscada entrelaça-se profundamente com o legado material que a envolve. As ruas, as casas e cada recanto onde ressoam os passos da festa são igualmente parte da herança que nos define enquanto povo.

A Casa do Bugio e do Mourisqueiro, o Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada e tantas outras moradas e espaços particulares carregam consigo o peso simbólico e afetivo de uma celebração que atravessa séculos.

É impossível dissociar a materialidade deste património face à alma vibrante da Bugiada e Mouriscada. Este fenómeno não é apenas um evento, mas uma manifestação profunda da identidade de um povo, um reflexo da sua história, das suas emoções e do seu espírito comunitário. É na fusão do património físico e da tradição imaterial que se encontra a verdadeira essência de Sobrado.

Este roteiro patrimonial não é apenas um percurso entre monumentos e espaços históricos; é uma viagem ao coração pulsante de uma cultura única. É um convite para descobrir e sentir o legado dos nossos antepassados, que ainda hoje dança no olhar e no fervor de quem vive esta tradição.



Vista aérea da Igreja Matriz (Foto de Fábio Macedo, 2025)

Igreja Matriz de Sobrado

A Igreja de Santo André de Sobrado é a mais antiga igreja do município de Valongo e uma das jóias do barroco do Norte de Portugal. Cercada por um amplo adro murado, encontra-se numa posição central, entre a Residência Paroquial, o Cemitério, o largo do Passal e o Rio Ferreira.

A construção deste templo procedeu-se provavelmente em 1671, a expensas da família Baldaia, substituindo a antiga Matriz que se localizava em Penido. A edificação da torre sineira é um projeto muito posterior, tendo sido concluída somente em dezembro de 1874.

Hélder Pacheco, escritor e investigador, abordou este templo numa das suas obras referindo que “Está a Matriz Setecentista, com um requintado e delicado desenho. Para mim, desculpem as restantes freguesias, é a mais bela de todas no ornato granítico, contornando a fachada, associado à porta, aos nichos dos santos, aos óculos, aos remates superiores que contem a cruz (e a todo o conjunto, o delicado azulejo azul ténue valoriza extraordinariamente). Ao lado, a torre sineira é posterior. Excecionais no interior, são o altar-mor, a talha e os painéis de azulejos decorativos retintos do séc. XVII.”

No que concerne à iconografia, Sobrado possui algumas das mais antigas imagens de todo o município de Valongo, nomeadamente o do orago Santo André.

Entre 2010 e 2011, procederam-se as obras de requalificação da Igreja Matriz de Sobrado, realizando-se importantes obras de conservação. A Igreja foi reaberta ao culto no dia 20 de fevereiro de 2011 numa cerimónia presidida pelo Bispo do Porto D. Manuel Clemente, tendo-se procedido à dedicação do novo altar da Igreja Paroquial de Sobrado a 6 de novembro do mesmo ano.

No espólio artístico da Igreja Matriz existem várias imagens de S. João, nomeadamente no altar da nave e no adro. Encontram-se guardadas ainda as duas imagens de S. João de Sobrado, uma imagem medieval de S. João em pedra-ançã e uma imagem de S. João Precursor na sacristia, para

além da tela primitiva do batistério e da pedra do arco do triunfo com a inscrição «SACROSANCTA LATERANENSIS ECCLESIA», respeitante à igreja “mãe” de S. João de Latrão sob a proteção do Santo Precursor desde o século II (Papado de Gregório I).

Na igreja decorre a missa solene em honra de S. João, no dia 24 de junho, irrompendo, durante a celebração, os Mourisqueiros para “roubarem o santo” e para carregarem os andores durante a procissão. Em frente ao templo decorrem inúmeras danças e rituais, especialmente a dança do santo, bem como a “entrega do ramo” que é a passagem de testemunho entre comissões.



Residência Paroquial (Foto de Fábio Macedo, 2025)

Residência Paroquial

A casa paroquial seiscentista ostenta no seu portal a data de 1691 e foi construída a mando da Família Baldaia, tendo residido neste local D. Maria Clara Baldaia, padroeira de Sobrado. Era uma casa tipicamente agrícola, que a família doou à paróquia de Sobrado para que nela habitassem os abades.

Em meados do século XIX, terminou o direito de padroado da família Baldaia/ Pamplona, tendo esta família cedido os terrenos da igreja, do passal e a casa, à Paróquia de Sobrado. A casa tornou-se assim na Residência Paroquial.

Em 1893 acolheu a visita e estadia do Rei D. Carlos I, bem como o banquete com os ilustres convidados da região.

Na transição política entre a monarquia e a república, o Abade António Mendes Moreira terá sido expulso da residência paroquial, desconhecendo-se a razão deste sucedido e quando terá sido revogado, uma vez que este mesmo abade, pelo menos até à sua morte em 1915, não voltou jamais a viver nesta casa.

Durante todo o século XX, a Residência Paroquial acabou por ficar num estado de degradação avançado, situação essa que contribuiu para que se realizassem obras profundas. Esta intervenção acabou por alterar por completo a fisionomia do edifício, destruindo os estábulos e dando um aspeto mais moderno e menos rural.

No dia de São João, no quinteiro desta casa, o pároco oferece o doce aos Bugios e aos Mourisqueiros, aqui se fazendo algumas danças ou rituais.

Largo do Passal

No coração de Sobrado, onde a história se entrelaça com a vivência das gentes, estende-se o Largo do Passal—um verdadeiro palco de memórias, devoção e festa. Mais do que uma simples praça, este é o epicentro cívico, cultural e religioso da vila, um espaço onde o tempo dança ao ritmo das tradições e a arquitetura ecoa séculos de transformações.

A construção da Igreja Matriz, em 1671, marca a primeira pedra desta centralidade. Ao seu lado, a residência paroquial, testemunha os murmúrios dos ventos políticos e religiosos que moldaram Sobrado. No século XIX, a família Baldaia, numa generosa oferta à comunidade, cedeu os terrenos e a sua casa, consolidando o Largo como um espaço público essencial.

Cercado por ruas que são veias desta vila—Rua Santo André, Rua São João de Sobrado e Rua Padre Agostinho de Freitas—o Largo do Passal é o coração aberto de Sobrado, onde as pessoas se encontram, as histórias se cruzam e os rituais ganham vida. Ali, a feira semanal traz o burburinho dos dias simples, enquanto eventos como Sobrado é Festa, Queima do Velho e as emblemáticas celebrações de Santo André e São João fazem vibrar cada pedra deste conjunto arquitetónico.

Em 2020, uma intervenção urbanística trouxe nova roupagem a este local, dando vida à Praça da Bugiada e Mouriscada, ainda que de forma informal e numa homenagem sentida à festa.

Mas há mais do que festa e fé no Largo do Passal: há património e beleza, há um coreto onde a música e a confraternização ecoam, um cruzeiro que abençoa a vila, o sítio dos palanques onde confrontos se principiam, e a Junta de Freguesia, imponente e cúmplice deste cenário, são elementos que fazem deste Largo um postal vivo da alma de Sobrado.

Vista aérea da Praça da Bugiada e Mouriscada (Foto de Fábio Macedo, 2025)



Terrenos do Passal

O que hoje designamos de Terrenos do Passal ou Terrenos do Engenho, antigamente era a Quinta do Abade, uma das fontes de rendimentos do abade ou pároco da freguesia. Estes terrenos também foram cedidos pela Família Baldaia à Paróquia, no séc. XIX.

Produzia-se cereais, vinha e árvores de fruto. Como era necessário regar as terras, existia um engenho, inserido num edifício redondo, que bombeava a água do rio Ferreira. Estes terrenos eram igualmente abastecidos por águas encanadas, captadas numa mina que se situava onde atualmente existe a Escola Básica 2,3 de Sobrado, cujas águas jorravam no Fontanário do Passal, que ainda existe ainda que entregue ao abandon.

O Fontanário do Passal, executado em pedra granítica, foi construído a mando do abade de Sobrado no séc. XVIII com tramo de parede rematada ao alto por uma cimalha adornada de volutas, enquadrada por um par de pináculos e no plano superior uma cruz. A inscrição refere «ESTA FONT(E) MANDOU FAZ(E)R O ABB(ADE) HYEREMIAS DA SILVA P(E)R(EIRA) ANNO DE 1779». A inscrição não é claro, mas a data a que se refere deverá ser 1744, data da morte do abade.



Fontanário de Campelo (Foto de Fábio Macedo, 2025)



Vista aérea da Casa do Bugio e do Mourisqueiro (Foto de Fábio Macedo, 2025)

Alminhas do Caminho Novo

A Ermida das Alminhas do Caminho Novo é um pequeno oratório que marca, simbolicamente um dos extremos dos terrenos do Passal que outrora pertenciam à paróquia. A sua construção terá sido em 1734, provavelmente a mando do abade Jeremias Baldaia da Silva Pereira.

No seu interior, existe um painel de azulejos do séc. XX dedicado às Almas do Purgatório que foi produzido na fábrica Aleluia de Aveiro. Próximo da ermida encontra-se o cruzeiro.

A ermida é um local de referência na Festa de São João de Sobrado, uma vez que aqui passa a procissão, bem como se iniciam as Entrajadas e a Dança de Entrada dos Bugios e Mourisqueiros.



Alminhas do Caminho Novo (Foto de Fábio Macedo, 2025)

Casa do Bugio e do Mourisqueiro

A Casa do Bugio e do Mourisqueiro é um sonho antigo dos Sobradenses que finalmente tomou forma, tornando-se mais do que um edifício: um símbolo vivo da identidade e da paixão pela festa de São João.

Desde 1993, quando foi fundada a Associação Organizadora da Casa do Bugio e das Festas de São João de Sobrado, este projeto ganhou alma e propósito. A 15 de junho de 1997, com a cerimónia do lançamento da primeira pedra, começou a erguer-se um espaço que não seria apenas de pedra, tijolo e cimento, mas de memória, tradição e comunidade. Este edifício moldado pelo esforço coletivo, contou com o apoio da Câmara Municipal de Valongo, de doações de Sobradenses e do incansável trabalho de todas as direções desta Associação.

No dia 24 de junho de 2001, acolheu o seu primeiro grande momento: o “jantar” da Bugiada e Mouriscada. Desde então, tornou-se o local dos jantares de São João e dos ensaios dos tremoços.

E, como a festa evolui e se reinventa, também este edifício assumiu uma nova designação: desde 2022, passou a chamar-se Casa do Bugio e do Mourisqueiro, reforçando a sua vocação como refúgio e ponto de encontro de todos os que vivem e celebram a paixão de Sobrado.

Mais do que um edifício, esta é uma casa com alma—um espaço onde ressoam risos, melodias e histórias, mantendo-se viva a essência do São João de Sobrado. Que seja sempre o abrigo dos Bugios, dos Mourisqueiros e de todos aqueles que se entusiasmam e vivem esta festa única. No dia de São João, no quinteiro desta casa, o pároco oferece o doce aos Bugios e aos Mourisqueiros, aqui se fazendo algumas danças ou rituais.

Património imaterial

Nuno Alexandre Ferreira

O São João de Sobrado é um testemunho vivo de uma tradição genuína e autêntica que atravessa os tempos, enraizada no coração desta terra, no concelho de Valongo.

Há séculos que ressoa nos seus montes e vales, perpetuando-se através das vozes, dos gestos e das emoções de um povo que se entrega de alma e coração. É um espetáculo vibrante, tecido com as cores intensas das indumentárias, a musicalidade dos seus ritmos, a solenidade dos rituais e a energia pulsante das danças que narram uma lenda ancestral, passada de geração em geração.

A cada 24 de junho, Sobrado desperta para reviver esta celebração única. Aqui, não se celebra apenas uma data, mas sim a identidade de um povo e tal como tão bem descreveu Gallop, é “um dos mais notáveis rituais que sobrevivem na Europa moderna”. A sua grandeza não reside apenas na história que carrega ou na lenda que perpetua. Vive na riqueza dos trajes, na imponência das máscaras e acessórios, na força simbólica de cada gesto e na cumplicidade silenciosa de um povo que se revê neste espetáculo singular. É uma manifestação de excepcional valor antropológico, cultural e etnográfico, que une gerações numa dança intemporal.

Mas a alma desta festa não se encerra apenas nos passos coreografados ou nas melodias que ecoam pelas ruas. Vive também nos objetos, nas peças e nos acessórios que compõem um verdadeiro acervo imaterial, testemunhos silenciosos de um passado que urge preservar. Algumas dessas relíquias já encontram refúgio seguro, protegidas e acarinhadas como fragmentos preciosos da memória coletiva. Outras aguardam o olhar atento daqueles que compreendem a sua importância e o dever de as salvaguardar.

Este roteiro imaterial não é apenas um registo de objetos, peças e acessórios. É um convite sentir o pulsar da história desta tradição em cada detalhe e assegurar que este legado não se esgota no presente, mas se estende, vibrante e autêntico, para os dias que ainda estão por vir.



Manto antigo de Velho da Bugiada (Foto de Fábio Macedo, 2025)

Manto antigo de Velho da Bugiada

Na festa de São João de Sobrado, a principal figura da Bugiada é o Velho da Bugiada, que é o líder desta formação.

A sua indumentária distingue-se dos restantes Bugios. Usa uma barretina, à semelhança de todos os Mourisqueiros, ainda que com um formato diferente e, tal como o Reimoeiro, umas dragonas sobre os ombros, as quais, enquanto símbolos militares, lhe conferem poder e prestígio.

Traja ainda uma veste que não tem comparação com qualquer outra usada na festa. Trata-se do Vestido, uma peça emblemática de veludo de cor bordô, ao género de manto ou roupão, que cobre o corpo e membros inferiores. Possui aspeto de cerimonial, nobre ou eclesiástico, e tem bandas brancas em tule e franjas douradas, sugerindo-nos vestuário dos séculos XVII e XVIII, ao gosto barroco.

O Vestido, como é designado, faz parte do acervo da Associação São João de Sobrado. Foi o primeiro a ser confeccionado, ao que parece em Alfena, em finais dos anos 50 ou inícios dos anos 60 do século passado. Tudo indica com o intuito de substituir as vestes clericais ou adereços da igreja, aos quais se recorria. Durante anos consecutivos, usaram-no, os lendários Velhos André Munha e Adelino Dias (Maninho). Foi substituído em 1992, altura em que foi confeccionado em Sobrado um novo que se usou somente até 1997. A partir de 1998 todos os Reis dos Bugios passaram a mandar fazer os seus próprios Vestidos. No entanto, ainda antes, alguns Velhos haviam envergado indumentárias próprias.

Este manto encontra-se em exposição no Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada, tendo sido promovido na iniciativa “Peça do Mês” em junho de 2017. É um dos elementos mais valiosos e significativos no âmbito do património imaterial da Bugiada e Mouriscada.

Dragonas

As dragonas são, normalmente, peças metálicas ornadas com franjas de fios metálicos a dourado. Começaram a fazer parte do fardamento militar ainda no século XVIII. Eram usadas pelos detentores de postos hierarquicamente superiores, sendo, portanto, símbolos distintivos e sinónimo de prestígio e poder.

Na Bugiada e Mouriscada, ambos os líderes, Reimoeiro e Velho da Bugiada, usam sobre os ombros um par de dragonas, distinguindo-se dos demais que fazem parte de cada uma das hostes.

São muitos os exemplares de dragonas guardadas por antigos Velhos e Reimoeiros, tendo sido frequente o empréstimo destas peças entre eles, face aos condicionalismos económicos deste período.

Um par que se destaca é o par de dragonas que pertence a Arnaldo de Sousa Fernandes, uma vez que pertenciam ao seu avô Joaquim Ribeiro Fernandes. Estes exemplares, em metal e franja de fio dourado, são antigos. Ignora-se quando foram usadas pela primeira vez na Bugiada e Mouriscada, sabendo-se, no entanto, que já foram usadas, ao longo dos anos, tanto por Velhos da Bugiada como Reimoeiros.

Por curiosamente, Joaquim Ribeiro Fernandes, a quem pertenciam estas peças, em meados do século passado, enquanto líder dos Bugios, foi preso pelo seu filho, Luís Ribeiro Fernandes, na qualidade de Reimoeiro, pensando-se que estas dragonas possam ter sido usadas nesse momento.

É mais um exemplo de transmissão de património imaterial entre várias gerações nesta festa, que continua a ser mantido e preservado pelas gerações atuais.

Dragonas (Foto de Fábio Macedo, 2025)





Castanholas (Foto de Fábio Macedo, 2025)

Castanholas

Os bugios, na festa do S. João, usam um instrumento de percussão que marca o ritmo das suas danças. São as castanholas, outrora conhecidas por castanhetas. Normalmente são em madeira e compostas por duas peças, em forma de concha, ligadas por um fio que é sustentado num dos dedos da mão do tocador. O som é obtido pelo bater das duas partes.

As castanholas de Joaquim Ribeiro Fernandes, transmitidas ao seu filho Arnaldo de Sousa Fernandes, terão sido feitas há mais de sessenta anos e revelam um pouco o desenrasque e improvisado no amanho de acessórios para a festa, na qual, muitas vezes, foi usado e por várias gerações.

Foram feitas de freixo e tem uma volumetria cilíndrica, resultado de um trabalho de torneiro, sendo as conchas obtidas pelo corte da peça em duas partes. Tem as dimensões de 114x55mm e, no interior, as zonas côncavas não se encontram cavadas como é habitual. As covas são redondas, mas mais profundas e não chegam aos 30 mm de diâmetro. Encontram-se executadas apenas com recurso a uma broca. É um produto local, executado, provavelmente, numa das pequenas oficinas familiares de mobiliário, das quais algumas ainda vão resistindo por Sobrado.

Estas castanholas integraram a iniciativa “Peça do Mês” do CDBM- Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada em abril de 2017. Pela sua antiguidade, pela transmissão entre gerações e por ter pertencido a um antigo Velho da Bugiada, estas castanholas integram um acervo imaterial relevante sobre a Bugiada e Mouriscada.

Bombo do Fritoso

O bombo é um instrumento musical popular de percussão, constituído por um tambor cilíndrico, em madeira ou metal, de grandes dimensões, rematado, nas duas pontas, por peles em tensão, que são percutidas pelas mocas, maçanetas, ou macetas, que o tocador vibra com energia e mesmo violência. Nas tradições locais, pode ser tocado individualmente ou em grupo, havendo inclusive os grupos de bombos ou Zés-Pereiras (Minho e Douro Litoral), que têm por função animar as festas e romarias, correndo o arraial, ou em arruadas pelas povoações. Em qualquer das situações, são acompanhados pelo toque da caixa. Aos objetos de madeira que batem nas peles chama-se mocas e, mais recentemente, maçanetas ou macetas.

O bombo, ou a “caixa”, como se designa em Sobrado, é um instrumento fundamental, nomeadamente na Mouriscada, tanto o tambor que é tocado como a pessoa que usa o instrumento, denominam-se de Caixa. Por tradição, tem sido sempre um homem a tocar a caixa, dirigindo parte das danças mouriscas através das suas melodias bélicas. Sempre a pé, o seu tronco suporta o tambor que é tocado por duas baquetas. É uma das figuras centrais da Mouriscada, uma vez que intervém e acaba por definir, com o som da caixa os movimentos rítmicos e danças dos Mourisqueiros, não podendo parar nem errar para não pôr em causa a boa execução das danças por parte dos mouriscos.

Nomes relevantes de “caixas” foram o Fritoso, Zé Malhado, Presunto, Ilídio da Rola e atualmente o Pedro.

Joaquim Ferreira Vicente (Fritoso) foi tocador pelo menos entre os anos 30 e 1964. A Caixa em que tocou por mais de trinta anos, acompanhando com a sua melodia inúmeras gerações de Mourisqueiros e Reimoeiros, é um dos acervos mais valiosíssimos da festa e foi legada à Associação São João de Sobrado pela sua filha Ricardina em 2019.

Bombo do Fritoso (Foto de Fábio Macedo, 2025)





Mascara do Sr. Maninho (Foto de Festivity.pt, 2016)

Máscara da Paixão do Maninho

O uso de máscaras é muito antigo e desempenha um papel importante em festas e em espetáculos, como o teatro. Cobre o rosto e disfarça quem as usa, de modo que não se conheça de quem se trata. O termo tradicionalmente mais usado em Sobrado para designar a máscara utilizada pelos Bugios e em todos os rituais realizados é careta. Outrora era feita de peles, madeira, cortiça, papel, metal, etc. O plástico tornou-se o material mais comum nos tempos que correm. Dizia-se, antigamente, que uma boa máscara de Bugio era aquela que fosse “feia, mas que fizesse rir”.

A existência de um invulgar e vistoso folho em tecido nas máscaras do S. João de Sobrado é mais é um pormenor distintivo e emblemático desta festa. O acessório tapa o pescoço e ajuda a que mais dificilmente se descubra quem é o Bugio

Quanto ao Velho da Bugiada, durante o dia de São João, usa duas máscaras. Durante a manhã usa uma máscara mais alegre, enquanto na parte da tarde usa outra com um semblante mais dramático e emocionante, designada de máscara da paixão. Existem duas máscaras da paixão que se destacaram ao longo dos tempos, nomeadamente a do Maninho e a do Tio André da Munha. Ambas já foram copiadas várias vezes pelos últimos Velhos da Bugiada.

A Máscara da Paixão do Maninho foi usada por Adelino Sousa Dias nas dezanove vezes em que foi protagonista da festa, como Velho da Bugiada, mas também por outros Velhos que a pediram emprestada. Um deles, António Marques Vale, Velho da Bugiada em 2009, ofereceu nesse ano um baú para melhor acondicionar e proteger esta máscara.

Esta careta com semblante ímpar que confere solenidade, preocupação e tristeza. O seu valor e significado é incalculável, pelas suas características, beleza, mas também pelo respeito que a confere do Senhor Maninho. Por esses motivos, foi concretizada recentemente, por André Ferreira, uma captura fotográfica e modelagem 3D deste objeto ímpar, para que seja salvaguardado para futuro.

Farda de Reimoeiro 1970

“Com espada em riste, no punho das quais lenços brancos haviam sido atados, os Mouriscos (...) usavam fatos de algodão de cor clara com botões dourados e cintos vermelhos e faixas. Traziam na cabeça barretinas de cartão de cerca de 30 centímetros de altura, das quais pendiam pequenos espelhos, galões dourados e encimado por plumas vermelhas. (...) enquanto o seu rei, que se distinguia pelo uso de correntes douradas e dragonas (...)” Percebe-se, nesta descrição de Rodney Gallop, nos anos 30, que eram as dragonas, o ouro e as barretinas que diferenciavam o Reimoeiro dos restantes Mourisqueiros.

Atualmente a realidade é um pouco diferente, uma vez que o traje do Reimoeiro apresenta, habitualmente, cores distintas e até outros pormenores.

António Lopes ofereceu a sua farda à Associação São João de Sobrado em 2024. Usou-a vários anos e no dia de São João em 1970, quando foi Reimoeiro. A farda é composta por calças, casaco, faixa e barretina. Apresenta tons claros com listas rosadas, com adornos dourados e em bordô. Apesar de não se encontrar completa, uma vez que não inclui a gravata, lenço, espadim, plumas, polainitos, polainas e sapatos, este é um conjunto relevante para a compreensão dos trajes mouriscos neste período do séc. XX.



Farda do Sr. António Lopes (Foto de Festivity.pt, 2016)



Conclusão

Que importância tem a história para Sobrado e para a Bugiada e Mouriscada?

É habitual recordar algumas figuras associadas à festa, nomeadamente Velhos da Bugiada, Reimoeiros, narradores, entre outros. É costume, nas chamadas conversas de café, essencialmente dominadas por assuntos da Bugiada, abordar acontecimentos marcantes do passado, quando se iniciaram “novas tradições”, mas costuma-se terminar com o habitual “antigamente é que era bonito”.

Retratar o São João de Sobrado é sempre um trabalho árduo e inglória, de certa parte, uma vez que a festa é bastante complexa e se torna muito difícil de expressar e escrever sobre os vários rituais, danças, momentos, sem que haja emoção e sentimento envolvidos.

Nesta segunda edição da “Lavra da Praça” regressamos no tempo, ao período da primeira república. Infelizmente, é um dos momentos históricos menos conhecidos e com menor informação sobre a festa, salvo algumas notícias de jornal e uma ou outra foto.

Investigar e remexer no passado é um trabalho de paciência, por vezes com resultados interessantes e rápidos, mas noutras vezes é mais demorado e com menos frutos.

Todos os artigos aqui retratados são pequenos contributos para a memória da festa de São João de Sobrado, na construção desta singela, mas verdadeira cápsula do tempo da festa.



A emoção na Prisão do Velho (foto de Diogo Sousa, 2024)

Autores



Nuno Alexandre Ferreira

Nuno Alexandre Ferreira, também conhecido por Nuno King, nasceu no Porto em 1992, vivendo em Sobrado desde 2002. Ao longo da sua vida, entre vários projetos e associações, dedicou-se ao estudo e promoção da cultura, património e tradições de Sobrado e da festa de São João de Sobrado. Acompanha e fotografa os Mourisqueiros desde 2013. Entre 2013 e 2024 divulgou a festa nas redes sociais e no blog saojoaosobrado.wordpress.com. É vice-presidente e secretário da Associação São João de Sobrado desde 2021, onde tem desenvolvido um trabalho revolucionário no que concerne à documentação, arquivo e património da mesma. É o criador e coordenador desta revista “Lavra da Praça”.



Vera de Oliveira Lamas

Vera de Oliveira Lamas, nasceu em 1999 e desde bem cedo que se envolveu no associativismo local e voluntariado, tendo decidido dedicar-se ao estudo da família dos Viscondes de Oliveira do Paço, que foi o tema da sua tese de mestrado em História e Património- Mediação Patrimonial pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. O seu trabalho de investigação foi brilhante, tendo vindo a dedicar-se à divulgação do património e do legado desta família para Sobrado, para o Concelho de Valongo e também para a Festa de São João de Sobrado.



Paulo Caetano Moreira

Paulo Caetano Moreira nasceu em 1970, em Campo, Valongo. Possui licenciatura em História (2005) e é mestre, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em História e Património - Estudos Locais e Regionais: Construção de Memórias (2012). É autor de alguns trabalhos académicos e de investigação, nomeadamente de história local, com maior incidência no Concelho de Valongo. Tem participado em seminários, jornadas e conferências na área da história e do património cultural, em alguns casos como orador. É colaborador do Município de Valongo, exercendo funções no Centro de Documentação da Bugada e Mouriscada.

Ficha técnica



Título:
Lavra da Praça- Edição II

Edição:
Associação São João de Sobrado

Design Gráfico e Paginação:
Filipe da Costa Alves

Data:
Abril de 2025

Apoio





www.saojoaodesobrado.pt



[saojoaodesobrado.oficial](https://www.instagram.com/saojoaodesobrado.oficial)